



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
GUSTAVO BUTTNER TEODORO

**CHINA E A NOVA ROTA DA SEDA:
UM ESTUDO SOBRE A ASCENSÃO CHINESA E SEU PROJETO DE INFRA
ESTRUTURA E DESENVOLVIMENTO MUNDIAL**

Florianópolis

2019

GUSTAVO BUTTNER TEODORO

**CHINA E A NOVA ROTA DA SEDA:
UM ESTUDO SOBRE A ASCENSÃO CHINESA E SEU PROJETO DE INFRA
ESTRUTURA E DESENVOLVIMENTO MUNDIAL**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de
Relações Internacionais, da Universidade do
Sul de Santa Catarina, como requisito parcial
para a obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Ricardo Neumann, Dr.

Florianópolis

2019

Agradeço aos meus pais, Claudete e José, por me ensinarem o valor do conhecimento e sempre me apoiarem nos meus projetos, tornando tudo que conquistei possível.

RESUMO

O presente trabalho possui como tema um estudo sobre a história da China que proporcionou sua ascensão econômica e o grande projeto de infraestrutura mundial, liderado pela nova política externa chinesa de Xi Jinping, a Nova Rota da Seda. A relevância da pesquisa se dá, pois, a China é o país que mais cresce economicamente no mundo nas últimas décadas. Com isso, questões relacionadas aos chineses passaram a ser amplamente debatidas no âmbito das relações internacionais, buscando entender como os conseguiram ascender dessa forma, aprofundando seus estudos para tentar prever onde a China irá parar e qual será seu papel no Sistema Internacional. A Rota da Seda é cogitada para ser o maior projeto de infraestrutura do século, tendo potencial para mudar completamente o cenário internacional, podendo mexer na balança de poder dentro do cenário internacional. Portanto, é essencial entender o projeto da rota e analisar a intenção chinesa com a essa sua nova ferramenta de política externa, de forma a pôr em pauta para debate as possíveis consequências para o futuro do sistema internacional. Esse trabalho tem como objetivo debater essas questões em alta, englobando uma análise de como e com que forma a China chegou a esse exponencial crescimento econômico, assim como, constatando os possíveis futuros que podemos ter com a nova política externa chinesa apresentada com projeto da Nova Rota da Seda, usando como embasamento teórico os ideais das teorias de relações internacionais chinesas, tanto qual, um confronto a esses ideais com a teoria neorrealista. O trabalho traz como objetivo geral estudar a história da China para contextualizar o projeto da Nova Rota da Seda e analisar qual o impacto da iniciativa no sistema internacional pela ótica da teoria neorrealista e das teorias chinesas de relações internacionais. Os capítulos foram subdivididos de acordo com os objetivos específicos, sendo eles: Entender o histórico da economia e da política chinesa, desde o século XI, até a posse do atual presidente chinês, Xi Jinping; Apresentar a nova política externa de Xi Jinping com o projeto da Nova Rota da Seda e entender as teorias de relações internacionais chinesas; analisar a ascensão chinesa e a proposta da Nova Rota da Seda utilizando a ótica da teoria neorrealista. Os principais resultados dessa pesquisa foram conseguir ter um melhor conhecimento da história da China, o que possibilitou uma melhor análise e entendimento sobre o projeto da Nova Rota da Seda e da proposta de política externa de Xi Jinping, assim como, com a abordagem da teoria neorrealista, propor um debate sobre quais as reais intenções dos chineses com sua ascensão e quais os possíveis futuros que podemos prever, tendo em mente a grande relevância dos chineses para o mundo.

Quanto a metodologia, a pesquisa se caracteriza como básica e qualitativa. Quanto aos objetivos, a pesquisa se configura como explicativa. Como procedimento, a pesquisa se determina como bibliográfica e documental.

Palavras-chave: China. Nova Rota da Seda. Xi Jinping. Realismo Ofensivo. Sistema Internacional.

ABSTRACT

The present work has as its theme a study on the history of China that provides its economic rise and the major world infrastructure project, led by Xi Jinping's new Chinese foreign policy, a New Silk Road. The relevance of the research is because China is the fastest growing country in the world in recent decades. Thus, issues related to the Chinese are often widely debated in international relations, seeking to understand how it is possible to ascend in this way, deepening their studies to try to visualize where China will end up and what its role in the International System will be. The Silk Road is considered to be the largest infrastructure project of the century, with the potential to completely change the international landscape, allowing the balance of power to move. Therefore, it is essential to understand the route project and to analyze Chinese intent with this new foreign policy tool in order to debate the possible consequences for the future of the international system. This paper aims to discuss these issues upwards, including an analysis of how and in what form China has achieved exponential economic growth, as well as the possible futures they may have with a new Chinese foreign policy with the New Silk Road project, using as theoretical basis the ideals of the theories of Chinese international relations, as much as a confrontation with these ideals with the neorealist theory. The work aims to study the history of China to contextualize the project of the New Silk Road and analyze the impact of the initiative on the international system from the perspective of neorealist theory and Chinese theories of international relations. The chapters were subdivided according to the specified objectives: Understand the history of Chinese economy and politics since the XI century, until the new Chinese president, Xi Jinping; Present a new foreign policy by Xi Jinping with the New Silk Road project and understand as theories of Chinese international relations; Analyze a Chinese rise and a New Silk Road proposal using the optics of neorealist theory. The main results of this research were to have a better understanding of the history of China, which enables a better analysis and understanding of the New Silk Road project and Xi Jinping's foreign policy proposal, as well as a neorealist approach, to propose a debate about what the real intentions of the Chinese are with their rise and what possible futures they can foresee, bearing in mind the great relevance of the Chinese to the world.

As for the methodology, a research is characterized as basic and qualitative. As for the objectives, a research is configured as explanatory. As a procedure, the research is determined as bibliographic and documentary.

Keywords: China. New Silk Road. Xi Jinping. Offensive Realism. International system.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- "2000 anos de história econômica"	15
Figura 2 – Mapa “Projeção da Nova Rota da Seda”	37
Figura 3 - Imagem “Trem bala - Jakarta-Bandung – Indonésia”	40
Figura 4 - Imagem "Porto de Piraeus – Grécia"	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	TEMA E PROBLEMA	9
1.2	OBJETIVOS	11
1.2.1	OBJETIVO GERAL.....	11
1.2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
1.3	JUSTIFICATIVA	11
1.4	METODOLOGIA	12
2	A HISTÓRIA DA CHINA E SUA ASCENSÃO MUNDIAL	14
2.1	CHINA HISTÓRICA: ESCALADA, DERROCADA E ACENSÃO.....	14
2.2	ERA MAO TSÉ-TUNG.....	20
2.3	ERA DENG XIAOPING	24
2.4	O PÓS DENG XIAOPING.....	31
2.5	O INÍCIO DA ERA XI JINPING	33
3	O PROJETO DA NOVA ROTA DA SEDA COMO A CONCRETIZAÇÃO DAS TEORIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS CHINESAS	36
3.1	O PROJETO DA NOVA ROTA DA SEDA	36
3.2	AS TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS CHINESAS	45
4	TEORIA NEORREALISTA.....	48
4.1	REALISMO OFENSIVO	48
4.2	A RELAÇÃO CHINA E ESTADOS UNIDOS PÓS XI JINPING	50
5	CONCLUSÃO.....	56
6	REFERÊNCIAS.....	59

1 INTRODUÇÃO

A presente introdução consiste em quatro partes iniciais deste projeto de pesquisa. Inicialmente tem-se a exposição do tema e a problematização do assunto, seguido do objetivo geral e dos objetivos específicos que o projeto planeja atingir. Na continuidade do trabalho o autor justifica a escolha do tema, posteriormente há os procedimentos metodológicos do projeto.

1.1 TEMA E PROBLEMA

O crescimento Chinês é considerado o maior crescimento econômico no mundo a mais de 25 anos, e a maneira como seu desenvolvimento se deu tornou difícil de se prever o que a China como grande potência poderia trazer para o sistema internacional. Quando estudamos seu passado, conseguimos melhor compreender que o caminho que a China percorreu é o motivo de se tornar a potência que é hoje, marcada por fortes eventos e mudanças causado por intensa interferência externa durante toda sua história. Entendendo isso, podemos especular que a China, em poucos anos, tomará a posição dos americanos de maior influência na Ásia, conquistando uma hegemonia regional, e também não podemos descartar dizer que chineses podem não se contentar com apenas o domínio regional, mas buscar tomar o lugar dos Estados Unidos como hegemonia global. É preciso entender os fatores que repentinamente proporcionaram os chineses a terem essa forte posição no sistema internacional hoje para se tentar prever qual será seu papel no futuro. Além disso, é necessário observar qual o posicionamento dos países atuantes na liderança do sistema internacional atualmente, e ver qual a direção que sua política externa pretende levar seus países.

Vemos o atual líder chinês, Xi Jinping, declarando intenções de revitalizar e reconstruir a Rota da Seda, com o que possivelmente é a maior proposta de movimentação geopolítica e econômica do século. O presidente usa a iniciativa para disseminar sua proposta, a teoria chinesa que tem base no confucionismo, Céu para todos (All Under the heaven). A Nova Rota da Seda irá percorrer a China e passa por todos os países do leste asiático adeptos ao projeto, até chegar nos polos europeus. O líder chinês não fala apenas de uma rota terrestre, mas se refere também a um grande percurso marítimo, formando uma grande rede de transporte entre os oceanos pacífico, indico e pelo mar mediterrâneo. Objetivo chinês é de criar uma infraestrutura em forma de rodovias, ferrovias, aeroportos e portos que

percorressem e ligassem todos os países adeptos para expandir o comércio entre eles e desenvolvendo áreas que antes não eram aproveitadas (CHINA, 2015).

Entretanto, as políticas e ações de Washington estão no caminho contrário das políticas e ações de Pequim, pois, enquanto os chineses promovem projetos de investimento externo em infraestrutura e desenvolvimento, os Estados Unidos criam barreiras e tentam proteger sua economia do mundo, espalhando uma onda de protecionismo, nacionalismo e desconfiança pelo mundo.

Com toda a robustez do projeto de Xi Jinping, as superpotências do sistema internacional começaram a se posicionar sobre o projeto. Vemos grandes organizações internacionais, que defendem o livre comércio, apoiando a iniciativa. Por sua magnitude, o projeto abre precedente para várias críticas e questionamento às propostas Chinesas. O Neorrealismo tem uma visão mais cética e desconfiado sobre a proposta de Xi Jinping, embora seu discurso seja de uma cooperação para crescimento e desenvolvimento mutuo, para os autores dessa teoria, é claro que as políticas e propostas tendem a favorecer muito mais a China do que os demais países adeptos.

O grande desafio dos chineses nos próximos anos, dadas as todas as circunstâncias, será alcançar seus objetivos de expansão econômica e de sua zona de influência de forma pacífica, tendo consciência que irá desagradar grandes potências, como Estados Unidos, que possui uma política externa extremamente agressiva. Se seu projeto der certo, Xi Jinping poderá estar, em alguns anos, liderando a mais nova hegemonia da Ásia, capaz de desbancar outras potências que a ameaçam em seu quintal.

Portanto, nesse trabalho será apresentado a história do crescimento econômico chinês, tornado a China uma potência econômica global, e como isso acarretou no projeto da Nova Rota da Seda. Vamos analisar do que se trata o projeto e o que pode causar no sistema internacional, utilizando a ótica das teorias de relações internacionais chinesas e neorrealista. A relação entre Estados Unidos e China será ressaltada, já que os dois tendem a ser os principais atores do sistema internacional para o futuro. Dessa forma, elaboramos a seguinte pergunta de pesquisa: Como a China tornou-se a potência global capaz de propor o projeto da Nova Rota da Seda e quais as suas consequências?

1.2 OBJETIVOS

Com base na pergunta de pesquisa, definem-se os seguintes objetivos para serem atingidos com este trabalho:

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Estudar a história da China para contextualizar o projeto da Nova Rota da Seda e analisar qual o impacto da iniciativa no sistema internacional pela ótica da teoria neorrealista e das teorias chinesas de relações internacionais.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Entender o histórico da economia e da política chinesa, desde o século XI, até a posse do atual presidente chinês, Xi Jinping;

Apresentar a nova política externa de Xi Jinping com o projeto da Nova Rota da Seda e entender o mesmo através das teorias de relações internacionais chinesas;

Debater, utilizando a teoria neorrealista, os possíveis futuros do poder hegemônico chinês com o projeto da Nova Rota da Seda.

1.3 JUSTIFICATIVA

Ao se deparar com as incertezas e instabilidades passadas pelo sistema internacional nos anos em que cursava as disciplinas de Relações Internacionais, o autor se deparou com um país tornando-se o centro das atenções nas discussões de política externa e atuação no sistema internacional, a China. Contudo, pouco se entendia realmente das intenções chinesas com sua diplomacia e era difícil de compreender suas ações, já que a cultura oriental é muito distante da que vivemos hoje no ocidente. Com isso, o autor decidiu entender melhor a cultura e história oriental, como forma de melhorar as análises sobre os atos e política chinesas. O projeto da Nova Rota da Seda é cogitado para ser o maior projeto em âmbito mundial do século, tendo potencial para mudar completamente o cenário atual, o que por si só já mostra a importância dos projetos da China para o mundo. Porém, o autor precisava entender quais os possíveis futuros para esse projeto, considerando todo o histórico chinês e o cenário do sistema internacional atual. Para isso, focou em entender as iniciativas do projeto e as

pretensões do mesmo, elucidando as críticas voltadas a ela, de forma a abrir um debate para prevermos eventuais conflitos de interesses entre as potências mundiais.

A importância desse trabalho dá-se a usar as conclusões do mesmo para melhor entender as possíveis razões e consequências da iniciativa da Nova Rota da Seda e da nova política externa da China. No ponto de vista acadêmico podendo gerar novos ramos de estudos do projeto e do futuro do sistema internacional, a partir do melhor entendimento da história da China e das teorias das relações internacionais.

1.4 METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza como básica e qualitativo, pois, segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa básica contém verdades e interesses universais e tem como objetivo gerar novos conhecimentos, úteis para o avanço da ciência, sem prever aplicação prática. Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 31) “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização”.

Quanto aos objetivos, a pesquisa se configura como explicativa, pois como disse Gil (2008), pesquisas explicativas são aquelas que possuem como objetivo principal apontar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. E desta forma que o trabalho procura ser levado.

Como procedimento, à pesquisa se determina como bibliográfica e documental, conforme Gil (2002, p. 44), explica “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”. Embora a pesquisa documental se pareça com a pesquisa bibliográfica, Gil (2002, p. 45) aponta que,

“(…) a diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. ”

Para esta pesquisa, livros e artigos que abordem as teorias propostas no trabalho serão usados, assim como, veículos midiáticos de grande porte, que serão de grande importância, pois o tema da Nova Rota da Seda ainda é muito recente e pouca bibliografia foi produzida tratando diretamente sobre o assunto. Também será utilizado dados fornecidos pelos sites

controlados pelo governo chinês, para fundamentar, com dados econômicos, os argumentos e afirmações postas pelas teorias.

2 A HISTÓRIA DA CHINA E SUA ASCENSÃO MUNDIAL

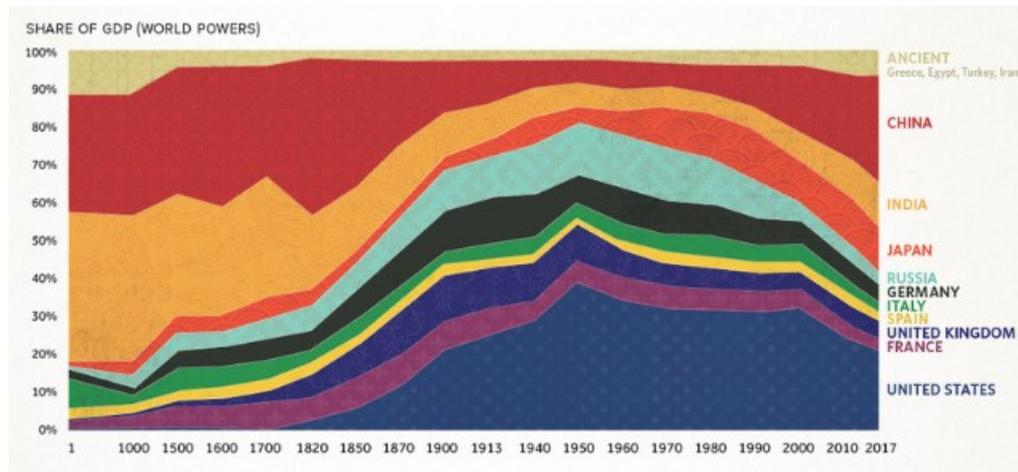
As relações internacionais, no século XX e XI, tiveram sua atenção fortemente voltadas a estudar e entender a China, pois seu crescimento exponencial despertou diversas inquietações e questões no mundo todo, visando compreender como foi de um país considerado pouco influente no sistema internacional, abatido e controlado pela forte influência estrangeira, para a grande potência capaz de desafiar o poder hegemônico ocidental, tendo como principal personagem os Estados Unidos. Porém, como comenta James Petra (2012) “(...) a maioria dos historiadores econômicos ocidentais (liberais, conservadores e marxistas) apresentaram a China histórica como uma sociedade estagnada, atrasada e paroquial, um "despotismo oriental”. Portanto, muitas conclusões tiradas por historiadores ocidentais não levaram em consideração a importância seu passado. A observarmos, notamos que a China tem um papel muito mais importante no cenário mundial durante a história do que imaginamos, como Petra (2012) então prossegue afirmando: “É especialmente importante enfatizar como a China, o poder tecnológico mundial entre 1100 e 1800, tornou possível a emergência do Ocidente. ” Com essa colocação do autor, esse capítulo procura entender a China histórica, buscando compreender como ele chegou nessa conclusão, assim como, perceber os motivos de ascenderem no sistema Internacional.

2.1 CHINA HISTÓRICA: ESCALADA, DERROCADA E ACENSÃO

John Hobson (2004), elucida o período da China histórica com dados econômicos, que possibilitam dar proporção a importância dos chineses desde a época do mercantilismo, comparando seus avanços econômicos com a potência mundial da época, a Grã-Bretanha, em uma série de fatores. Já em 1078 os chineses quase dobravam a produção de ferro dos Britânicos, um com 125,000 toneladas e outro com 76,000 respectivamente. Mostra que a revolução têxtil dos ingleses aconteceu após 700 anos de completo domínio chinês, que dominaram as tecnologias manufatureiras. O mesmo ocorreu no campo da agricultura, com a China dominando, com comércio de longa distância, a maior parte do sul da Ásia, África, Oriente Médio e Europa. Os chineses possuíam o mais avançado poderio naval, com objetivo de transportar a grande maioria dos produtos manufaturados que eram produzidos na época, com navios que superavam 3,000 toneladas de capacidade. O maior navio Britânico, em 1588, não passava de 400 toneladas (HOBSON, 2004).

Esses dados foram compilados por Angus Maddison (2008) que produziu um gráfico econômico, posteriormente atualizado pelo Fórum Econômico Mundial, mostrando os últimos 2000 anos de história econômica mundial. Nele, é possível perceber que a China foi a maior economia do mundo entre 1500 a 1850.

Figura 1- "2000 anos de história econômica"



Fonte: Maddison, 2008 apud Desjardins, 2017

A derrocada chinesa, da forma como ficou entendido no texto escrito por Petra (2012), aconteceu pelo mesmo motivo que a possibilitou chegar na posição onde estava, o foco em maximizar seu poder econômico e manufatureiro, que, por consequente, não deu espaço para que os chineses focassem em evolução militar. Autores como Chung-yam (2013) e Edward L. Dreyer (2007) afirmam que o motivo dos chineses, no período denominado Dinastia Qing¹ terem sucumbido e sofrido as consequências decorrentes disso, se deu por sua fraca defesa marítima. Na época, não tinham uma marinha consolidada, o que facilitou o posicionamento das tropas inimigas em momentos oportunos, mostraram fortes em defender seu território via terrestre, mas tiveram sua soberania ameaçada pelo mar. Os britânicos, viram que não conseguiriam combater a China economicamente, contudo, militarmente e geograficamente, através de suas colônias, eram muito mais fortes. Portanto, de acordo com Beeching (1975), após as o fim das Guerras Napoleônicas, em 1815, os ingleses puderam se concentrar em projetar seu poder para o extremo-orient, pois, tinha sua demanda por matéria prima

¹ “A Dinastia Qing (..) foi a última das dinastias imperiais da China, abrangendo os anos de 1644 a 1911/12. Sob o Qing, o território do império cresceu para triplicar sob a dinastia Ming anterior (1368-1644), a população cresceu de 150 a 450 milhões, muitas das minorias não chinesas no império foram orientalizadas, e uma economia nacional integrada.” (BRITANNICA, 2019, tradução nossa)

aumentando junto com sua capacidade produtiva, e também a necessidade de expandir seu mercado consumidor. A China, o país mais populoso da Ásia, já despertava a tempo a atenção da burguesia inglesa, que após a colonização da Índia, decidiram concentrar-se no desbravamento do mercado chinês. Com o início das negociações com os governantes da Dinastia Qing, os britânicos encontraram grandes barreiras comerciais, apenas um porto disponível para mercadoria estrangeira e um mercado que não tinha interesse por seus produtos, exceto o ópio, droga introduzida pelos indianos a China, extremamente viciante, gerando muitos dependentes químicos. Identificado pelos ingleses como porta de entrada para o mercado do chinês, se deu o início da produção da droga pela East India Company, companhia inglesa em território indiano, onde a exportação do ópio para a China começou a tomar grandes proporções, causando um alto volume da droga no país, viciando mais pessoas, o que conseqüentemente aumentava a demanda. O comércio da época era desbalanceado em favor dos chineses, que trocavam seus produtos manufaturados por prata, mas como Layton (1997) mostra em seu livro, o comércio se inverteu, e a prata acumulada pelos chineses começou a ser usada para comprar ópio. Prata, que na mão dos ingleses, era utilizado para comprar mais mercadorias, o que gerou um enorme avanço econômico para o país na época. Com o tempo, embora o governo Qing tenha imposto diversas barreiras para impedir a comercialização do narcótico, o comércio continuou forte, obrigando os chineses a tomarem drásticas medidas, sendo a gota da água quando expulsou os ingleses de seu território, e queimou mais de 20,000 baús de ópio em 1838. Fay (1998) aponta que as medidas não foram suficientes para cessar o comércio e os danos causados ao povo estavam tomando proporções extremas, portanto, no ano seguinte foi demandado que o comércio da droga fosse banido completamente, o que foi levado pelos ingleses como uma forte ofensa e decidiram que não aceitariam as medidas, causando a invasão britânica à China, o estopim da Primeira Guerra do Ópio, em 1839. Conforme dito por Brook e Tadashi (2000), a Guerra do Ópio levou a 3 anos de conflito, com uma força militar muito inferior à inglesa, os chineses se renderam, e foram obrigados a aceitar o que ficou conhecido como “tratados desiguais”, com a assinatura do Tratado de Nanquim. Esse foi o tratado responsável pela perda de Hong Kong por parte da China para o império inglês, além da abertura de diversos outros portos chineses para comércio estrangeiro e concessões para países chaves da época, como França e os Estados Unidos (BROOK E TADASHI, 2000).

Por esse motivo, o povo chinês foi esgotado, tendo que trabalhar dia e noite para pagar as tarifas impostas. Após 8 anos da assinatura do tratado, a situação se tornava insustentável e o povo decidiu lutar por seus direitos. Em 1850, uma grande Rebelião

desencadeou, ficando conhecida como a Rebelião de Taiping, com o objetivo de afrontar o controle do governo Qing e o que ele permitia acontecer em seu território com sobre domínio inglês. Franz Michael e Chung-li Chang (1966) mostram em seu livro sobre o evento, um dos movimentos mais significantes de um grupo opositor do governo vigente na história da China, que teve um forte cunho religioso como uma de suas pilastras, religião essa sendo uma vertente do cristianismo, porém na versão de Taiping, chegando em um determinado período a ter mais de 30 milhões de pessoas em prol de sua causa, dominando o Sul da China. Eventualmente, a rebelião atingiu todo território chinês, tomando proporções imensas, com cerca de 14 anos de conflitos, acarretando na maior guerra civil da história chinesa, e também a mais sangrenta. Estimasse que as mortes podem ter chegado de 20 milhões a 100 milhões de pessoas (FRANZ MICHAEL E CHUNG-LI CHANG, 1966).

Antes mesmo do final da rebelião, que acabou em 1864, os ingleses aproveitaram os anos de desgaste causado pela guerra civil instaurada para novamente buscar a legalização do comércio do ópio para dentro do território chinês e abrir seus portos para todas as mercadorias britânica. Com a negativa chinesa e mantimento das políticas contra o ópio no país, a Inglaterra entra novamente em guerra com os chineses, dessa vez com a ajuda dos franceses, que também viram benefícios na causa, no que ficou conhecida como a Segunda Guerra do Ópio (TSANG, 2007). Como consequência desta que durou de 1856 a 1860, mais dos tratados desiguais² foram impostos a China, que foi completamente desmembrada pelas potências ocidentais, tendo seu povo e recursos explorados novamente. Esse ainda não estava perto de ser o último tratado que iria assombrar os chineses, pois, em 1884, a Guerra Sino-Francesa tem seu início. Elleman (2001) explica que a motivação por trás desta guerra se deu pela disputa pelo controle de Tonkin, no Vietnã, área até então controlada pelos chineses de grande interesse por parte da França, levando a um combate pelo território entre os dois países. Com mais uma derrota da China, o Tratado de Tientsin foi imposto, contendo mais cláusulas que buscavam permitir a exploração do comércio e mão de obra chinesa em prol das potências estrangeiras.

A China estava passando por um período muito difícil de sua história, Maddison (2008) mostra na figura 1, entre o início da Primeira Guerra do Ópio em 1839 até a Guerra Sino-francesa em 1884, o PIB chinês, em relação ao mundial, diminuiu mais de 50%. Com isso, outro grande ator mundial da época decide expandir sua influência frente aos

² Os tratados desiguais, que foram primeiramente concebidos pela assinatura do Tratado de Nanquim, ficaram marcados na história da China. Por esse motivo, todos os tratados e punições contra a China, que foram injustos na visão deles, ficaram conhecidos por esse termo.

enfraquecidos chineses, o Japão. Recém-saído do seu último regime feudal, o Período Edo, que fechou seu mercado e focou em uma forte evolução econômica, e com a Restauração Meiji, que mais tarde, em 1864, abriu seus mercados, os japoneses estavam prontos para tomar o poder na Ásia. Apesar de enfraquecida, o país a se bater era a China, mantendo ainda uma forte economia pelo seu extenso território e enorme população. Os chineses tinham poder sobre um território que muito interessava os japoneses, a Coreia, e era extremamente importante geopoliticamente para o Japão ter controle sobre o território coreano, se quisesse exercer sua influência no oriente (ELLEMAN, 2001). Portanto, começaram sua conturbada caminhada para conseguir conquistar a influência desejada sobre o território até então dominado pelo governo Qing, que não abriu mão de sua então colônia. Conforme explicito no livro de Elleman (2001), após anos de disputas entre o exército chinês e japonês em território coreano, ocasionando golpes militares para tomar controle do território coreano feito pelas duas partes, o governo chinês, tentando oprimir movimentos revolucionários na coreia pró-Japão, avançam sobre o exército japonês e revolucionários tornando as tensões entre os dois governos insustentáveis. Então, em 1885, com objetivo de aliviar as tensões buscando evitar um maior conflito entre os dois países, os dois governos assinam a convenção de Tiensin, que cessaria os conflitos entre as partes em território coreano, com a retirada total das tropas chinesas e japonesas. Gao (2008) mostra que menos de 10 anos após a assinatura da convenção, em 1894, uma rebelião desencadeou na coreia e o governo pediu ajuda da China, que conseqüentemente enviaram tropas para o território coreano. O Japão viu o envio das tropas como uma quebra da convenção, portanto, decidiu que enviaria também suas tropas para combater a tentativa de controle por parte do governo de Qing. Deu-se então, o início da primeira guerra Sino-japonesa, onde o Japão, com um exército superior numericamente, expulsou os chineses da coreia convincentemente, obrigado os chineses a se render e assinar o tratado que iria pagar pelos danos causados pela guerra e recompensa pela vitória, o tratado de Shimonoseki, que além de valores em dinheiro, cederia Taiwan aos japoneses (ELLEMAN, 2001).

Com mais uma derrota, dessa vez fora de seu território, a situação interna chinesa não estava das melhores, como é evidenciado por Kissinger (2011), ao citar o levante dos boxers³,

³ Os punhos justos e harmoniosos (Yihequan) surgiram nas seções interiores da província costeira do norte de Shandong, há muito conhecida por agitação social, seitas religiosas e sociedades marciais. Os missionários cristãos americanos foram provavelmente os primeiros a se referir aos jovens bem treinados e atléticos como "Boxers" por causa do treinamento em artes marciais e armas que praticavam. (THOMPSON, 2009, tradução nossa)

uma revolução que ficou marcada como um confronto da tradicional cultura chinesa, iniciado na província de Shandong, contra a influência ocidental invasora, iniciando com violentos ataques dos boxers. A revolta se iniciou por volta de 1898, mas tomou suas maiores proporções em 1900. Com isso, as forças estrangeiras se uniram, com tropas de Japão, Rússia, Reino Unido, França, Estados Unidos, Alemanha (Império Alemão), Itália e Áustria-Hungria, formando a Aliança das Oito Nações, erradicando completamente todas as forças da grande rebelião. Kissinger (2011), comenta que isso não foi apenas uma forma de reprimir a rebelião, mas também para mostrar que a China havia se tornado interesse mundial e não mais somente europeia, e seria controlada por todas as forças estrangeiras. Com esse cenário, o império Qing, vigente desde 1644, encontrava-se em situação insustentável, tendo seu fim em 1911, sendo o último regime imperial da China até então.

Em 1912, após um breve período, eleições parlamentares foram realizadas dando oficialmente o início a República da China. Porém, em 1914, estourava no mundo a Primeira Guerra Mundial, o que não deu espaço para os chineses respirarem. Em 1915, o Japão, mesmo contrariando seus então aliados Estados Unidos e o Reino Unido, impôs o que ficou conhecido como as Vinte e Uma exigências, que aumentariam significativamente a influência japonesa no mundo e sobre os chineses (HUANG, 2017). Com boicotes de todos os lados, o Japão foi obrigado a recuar e retirar as exigências postas à China, porém, continuavam da mesma forma fortes no oriente. As exigências tinham como alvo o território da Manchúria, extremamente importante geograficamente, o que levou os japoneses a novamente forçarem a conquista do território em 1931, com uma invasão militar. Huang (2017) comenta que esse movimento é considerado por muitos estudiosos e para a própria China o real início da última guerra que os chineses teriam que travar, a Segunda Guerra Sino-japonesa.

Com o passar dos anos, as tensões entre a China tentando se reerguer e o Japão tentando ascender como potências da Ásia aumentaram, acarretando o inevitável conflito, que tem sua real data de início dada em 1937, conhecida pelos chineses, liderados pelo governo de Chiang Kai-Shek, como a guerra da resistência. A importância da região para o mundo era muito grande, gerando inquietações por todo o mundo. Ferris e Madsley (2015) colocam, que alguns pesquisadores até consideram a segunda guerra travada pela China e o Japão como um dos grandes motivos do início da Segunda Guerra Mundial. Hotta (2007), explica que, apesar dos gatilhos que ocorreram para que os países entrassem em conflito novamente, o real motivo da guerra seria os anos de disputas territoriais travados entre os dois, com o avanço imperialista do Japão, tornando inevitável o conflito entre as duas potências. A disputa teve início na fronteira da Manchúria, território até então sob domínio japonês, o que possibilitou

que suas tropas se alocassem de forma estratégica emplacando grandes vitórias nos primeiros anos da guerra. Porém, no mesmo período, o Japão teria disputas com outras potências travadas e, em 1941, efetuou o ataque a Pearl Harbor, contra os Estados Unidos (PAINÉ 2012). Após esse ataque, as forças estadunidenses se juntaram no combate contra os japoneses em território chinês com as forças de Chiang Kai-Shek, que lutaram por mais 4 anos, para que em 1945, fossem lançadas as 2 bombas nucleares que obrigaram os japoneses a se renderem, contando também com as forças soviéticas expulsando as tropas remanescentes na Manchúria (MITTER 2014). Os termos da rendição japonesa foram discutidos e negociados juntamente com as demandas das lideranças chinesas. Com isso, o que ficou conhecido pelos chineses como século da humilhação, por todo atraso econômico e mortes de pessoas causadas pelos diversos conflitos internos e externos travados, chegava ao fim.

2.2 ERA MAO TSÉ-TUNG

Com tudo que povo chinês passou, embora os problemas quanto a garantia de soberania havia sido resolvida, as questões internas do país não estavam. Rummel (2002) relata que Chiang Kai-Shek não era um líder que tinha o apoio popular, e era extremamente ríspido com quem se opunha ao seu governo. Com isso, surge uma das figuras mais importantes da história chinesa, grande liderança dos levantes populares em busca de consolidar a China novamente como potência mundial, Mao Tsé-Tung. O cofundador do Partido Comunista Chinês (PCC), já estava atuando contra os regimes que oprimiam seu povo desde o início do século 20, mas teve seu real papel logo após o final da segunda guerra, onde se instaurou uma guerra civil na China entre o Partido Comunista Chinês e o governo vigente. No período entre 1946 e 1948, as duas frentes lutaram pelo poder, o exército de Chiang Kai-shek tinham armamentos muito mais avançados que os revolucionários, mas a causa de Mao Tsé-Tung foi acolhida pelo povo, o que o tornou líder de um movimento capaz de estrategicamente lutar com um armamento inferior, coletando armamento e equipamento deixado pelos japoneses no território chinês (ZENG KELIN, 1997). Com a força do povo, afirma Ying-tai (2009), chegando a ter mais de 5 milhões de adeptos em um dos conflitos travados, teve muitas baixas pela falta de treinamento militar, mas Mao consegue em 1949 derrotar o exército de nacionalista chinês, obrigando Chiang Kai-Shek a fugir do país e se instaurar em Taiwan, onde passou a governar com apoio dos aliados.

É fundada então, com a ascensão do PCC, a República Popular da China, com a liderança de Mao Tsé-Tung. Sua missão era fazer a China prosperar novamente, dessa vez

sem interferência externa diretamente em seu território e com o sistema internacional engessado pela guerra fria, o governo chinês começou a dar seus passos para fazer reformas e reconstruir sua estrutura econômica, tomando todas as medidas que fossem necessárias, medidas que ficaram marcadas como a identidade da Era Maoísta.

Para que as propostas revolucionárias do mais novo governante chinês prosperassem, primeiramente seria necessária uma reorganização na estrutura fundiária, para que mais pessoas, os mais pobres, pudessem ter acesso as terras para plantar, diminuindo a desigualdade social do país. Phillip Short (2001), no livro dedicado a Mao, escreve que esse primeiro período demonstrou como a política interna seria levada dali para frente, onde o partido comunista classificou os então donos das terras e toda a elite da época como contrarrevolucionários, pela história de exploração do povo para enriquecimento próprio. Mao declarou que seria ferrenho contra todo tipo de resistência à revolução, ou seja, a reforma agrária ocorreria de forma violenta e brutal contra os donos das terras, com espancamentos até a morte e execuções em praça pública. O Departamento de Estados dos Estados Unidos estimou que cerca de 800 mil considerados contrarrevolucionários foram mortos neste período (SHALOM, 1984). O autor Kuisong (2008), afirma que o próprio Mao reivindicou, após receber dados de seu ministro da defesa, Xu Zirong, a morte de 700 mil pessoas contrárias movimentos revolucionários, com mais de 1 milhão e 200 presos, no período entre 1950 a 1952. Essa medida de consolidação do poder tomada pelo líder chinês, possibilitou o próximo passo de sua revolução, o Primeiro Plano Quinquenal. O governante chinês percebeu que a China estava sendo deixada para trás investindo somente no setor agrário, e logo após o final da Segunda Guerra Mundial, o mundo polarizado exigiu uma guerra econômica entre os polos. A potência oriental da época, a União Soviética, sabendo do potencial chinês, ajudou a concretizar plano de Mao de investir nesse e nos demais setores carentes, o que se transformou em uma mudança abrupta na economia chinesa, tornando o país que antes era dependente da agricultura, a uma potência industrial (SHORT, 2001). No período dos 5 anos propostos, como mostra Short (2001), em 1958, o intenso crescimento manufatureiro do país fez possível o crescimento suficiente para não depender mais da ajuda soviética, o que fez Mao declarar que o Primeiro Plano Quinquenal foi um grande sucesso, levando o líder chinês a imediatamente lançar o próximo passo em sua busca pelo desenvolvimento chinês, o Segundo Plano Quinquenal.

O sucesso anterior do presidente chinês o deixou confiante o bastante para que fosse mais radical neste seu futuro projeto, que ficou conhecido como ‘O Grande Salto Para Frente’. Como relatado na biografia de Mao Tsé-Tung escrita por Jonathan Spence (2006), o

primeiro plano trouxe consequências para o campo, pois teve que realocar a mão de obra para focar no crescimento industrial, afetando a capacidade produtiva de alimento do país. Então, para novo plano do governo chinês, decidiu arriscar novas técnicas que não faziam parte do plano anterior de crescimento soviético que havia sido adotado, procurando criar seu próprio modelo. Por essas novas técnicas não terem sido usadas anteriormente, Mao correu o risco que elas não prosperassem, e como todas as outras medidas que antes impôs, qualquer opinião que fosse contrária à sua, mesmo sendo coerente, era repudiada com severas punições. Com isso, diferentemente do primeiro plano, o segundo começou de forma desastrosa, já em 1959 tendo uma redução em 15% da produção agrária do país e em 1960 mais 10%, sem nenhuma recuperação em 1961 (SPENCE, 2006). Esse período, como elucida Yushi (2014), ficou conhecido como ‘A Grande Fome’, onde os produtores rurais começaram a mentir a quantidade que colhiam para não serem punidos, fazendo assim com que o governo reivindicasse mais do que os trabalhadores podiam pagar, e mesmo assim, não era suficiente para distribuir a todos na área urbana, causando a morte para mais de 52 milhões de chineses. Nessa época, a China mantinha um comércio ativo de exportações de alimentos, enquanto seu povo morria. Muitos autores julgam de forma diferente esse período da história chinesa, alguns dizem que Mao não sabia do real dano que a fome estava causando as pessoas, guiado por falsos números (DIKÖTTER, 2010). Já outros autores como Jasper Becker (2012), afirmam que o chairman chinês só foi convencido dos falsos números no início, e que sabia das mortes, julgando-as necessárias, já que não havia comida suficiente para todos, alguns teriam que morrer. Essa afirmação se torna coerente quando observamos outras posturas mostradas por Mao Tsé-Tung na época, como trazem MacFarguhar e Schoenhals (2006), dizendo que o governante chinês comentava publicamente para que as pessoas não impedissem que outras se suicidasse, ato que era muito comum na época, pois, a população da China já era grande o suficiente e poderia viver sem essas pessoas.

Em 1962 o Grande Salto para Frente havia sido oficialmente encerrado, e Mao tinha sua liderança extremamente abalada, porém, com a ajuda de seus aliados, conseguiu se manter no poder. Neste período a China teve um rompimento de suas relações com a União Soviética, onde houve uma grande tensão entre as duas partes. Becker (2002) relata que no auge das tensões, Mao desafiou os soviéticos afirmando que eles e suas armas nucleares não passavam de ‘tigres de papel’, se referindo a aqueles que aparentam ser fortes e ameaçadores, mas na realidade não possuem eficácia. O líder chinês chegou a afirmar que se ele perdesse 300 milhões de homens e uma guerra nuclear, não importaria, pois, os outros 300 milhões que restassem o garantiriam a vitória. Neste período, ficou notado que Mao havia perdido

completamente a cabeça, onde seu grande poder e opiniões extremas, executando aqueles que fossem contrários a ele, o tornou um grande perigo para o mundo. Com isso, um importante período da Era Mao se desencadeia, a Revolução Cultural, período entre 1966 e 1969, que de acordo com Gao (2008) foi de grande evolução para a China, onde outros líderes tomaram as rédeas da economia da china enquanto Mao se dedicava em manter sua popularidade e as disseminar as propagandas do governo, perseguindo e matando aqueles que desafiavam seu poder. Mao Tsé-Tung havia passado de líder do povo para o terror do povo.

Em 1971, Mao decide que a situação era insustentável, e não tinha idade e força para prosseguir com a liderança do governo, portanto, passa seu governo para Lin Biao, seu braço direito e quem parecia seguir cegamente seus mandamentos. Contudo, até Lin não conseguia mais lidar com o fardo que o líder chinês carregou, e decidiu por tentar dar um golpe em Mao e o remover completamente de qualquer posição do governo. Porém, após assumir a liderança, não teve a oportunidade de seguir com seus planos, pois, logo após Lin sofreu um acidente de avião e morreu (GAO, 2008).

Com a saúde extremamente debilitada, a traição de seu mais querido aliado, Mao passou seus últimos anos sofrendo por doenças ocasionadas pelos seus maus hábitos, como fumar de mais (KARL, 2010). A China viveu um período de evolução econômica, porém, estagnação política, pois os governantes deste período não se desvincularam dos ideais maoístas, mas o povo não suportaria mais. O líder e fundador do Partido Comunista Chinês, Mao Tsé-Tung, morre em 1976, deixando a China como seu legado. “(..)Mao Tsé-Tung é uma das maiores figuras influentes da história (..) na lista das 100 pessoas mais importantes do século 20.” (WEBLEY, 2011).

O início do governo de Mao foi extremamente positivo para o povo, seus ideais eram apoiados e pregados por todo território chinês. A história da China, recém-saída do Século da Humilhação, precisava ser mudada, entretanto, os últimos anos da Era Maoísta lembraram do então passado período.

“A impressão da personalidade de Mao que emerge da literatura é perturbadora. Ele revela um certo desenvolvimento temporal de um líder realista, que era amigável quando incontestado e ocasionalmente refletia nos limites de seu poder, para um ditador cada vez mais implacável e autoindulgente. A preparação de Mao para aceitar críticas diminuiu continuamente.” (LEESE, 2010)

O final da Era Mao ficou marcada pelo final do modelo econômico que a China levava, ainda antes de falecer, o governo já estava em fase de remodelação, com a volta de grandes líderes opositores, que foram perseguidos na revolução cultural por tentar confrontar o governo, ao poder do Partido Comunista Chinês. O principal personagem, responsável por encabeçar essa mudança, foi o ex-secretário geral do PCC e o então vice primeiro ministro, Deng Xiaoping.

2.3 ERA DENG XIAOPING

Todas as reformas feitas por Mao Tsé-Tung levaram a morte de milhões de pessoas, embasado em uma ideia de que tudo fazia parte de um plano maior, que todo sofrimento causado a sua população seria necessário para que a China pudesse se tornar a maior potência do mundo, a ideia maquiavélica de que os fins justificam os meios. Apesar de toda a controvérsia que causou, por causa dessa base criada pelo falecido líder, os chineses estavam preparados para dar o maior impulso econômico da história. Em 1976, a China não estava totalmente pronta, para isso seria necessário alguém que repensasse seu modelo econômico e aplicasse de forma eficaz as mudanças propostas. Se a base estava sólida, pronta para a construção, Deng Xiaoping seria, como ficou conhecido pela mídia mundial, o ‘Arquiteto da China Moderna’ (FAISON, 1997).

Mesmo sendo o homem para o cargo, Deng Xiaoping não fora o escolhido pelo PCC para substituir Mao, suas propostas da liberalização do mercado chinês iam contra o que o líder chinês pregava, causando que fosse removido de seu cargo e perseguido, porém, a instabilidade política causada pelas medidas desastrosas de Mao, tornaram o governo do então escolhido sucessor do governo, Hua Guofeng, extremamente complexo (KNIGHT, 2012). Xiaoping participou de toda a caminhada chinesa até então, suas parcerias políticas dentro do partido eram fortes, e o mais importante, o povo o apoiava, em seu passado político fez parte dos levantes populares. Em 1978, posta a posição de Guofeng, na 3ª Sessão Plenária do 11º Comitê Central do Partido Comunista de China, como mostram Guangyuan, Vogel e Levine (2004) no livro dedicado ao evento ‘Deng Xiaoping Shakes the World’, Deng Xiaoping lança a política da reforma econômica chinesa, conhecido como a ‘Reforma e Abertura’ e toma de fato as rédeas do governo da China. Contudo, ele não levaria o título de presidente da República Popular da China, pois, Xiaoping governou como o Líder Supremo chinês, sem ter sido nomeado como tal. Ele utilizou sua influência para derrubar todos seus inimigos políticos, mesmo Hua Guofeng, o escolhido por Mao Tsé-Tung.

Com o caminho livre, uma política interna ‘estável’ quando comparada com os períodos anteriores, o novo líder chinês inicia o processo da abertura dos mercados em 1979, com sua proposta das 4 modernizações: Economia, agricultura, ciência e tecnologia e defesa nacional. A estratégia de Deng Xiaoping era a implementação da chamada Economia de Mercado Socialista, que seria conhecido por ele como Socialismo com características chinesas, estratégia que antes não era aceita, pois é vista como um confronto das ideias de Mao Tsé-Tung. Xiaoping enxergava a abertura dos mercados não significava necessariamente desvincular o a China dos ideais comunistas, com sua frase Socialismo não significa pobreza compartilhada (XIAOPING, 1979 apud GITTINGS, 2006).

"O planejamento e as forças de mercado não são a diferença essencial entre socialismo e capitalismo. Uma economia planejada não é a definição de socialismo, porque há planejamento no capitalismo; a economia de mercado também acontece no socialismo. Planejamento e forças de mercado são formas de controlar atividade econômica." (XIAOPING, 1979 apud GITTINGS, 2006).

António Caeiro (2004), em seu livro *Pela China Dentro*, também cita os discursos adotados pelo líder chinês como forma de encorajar e embasar suas reformas econômicas:

“Não devemos temer adotar os métodos avançados de gestão aplicados nos países capitalistas (...) A própria essência do socialismo é a libertação e o desenvolvimento dos sistemas produtivos (...) Socialismo e economia de mercado não são incompatíveis (...) devemos nos preocupar com os desvios da direita, mas, acima de tudo, devemos nos preocupar com os desvios da esquerda.” (XIAOPING, 1979 apud CAEIRO, 2004).

Com isso, o primeiro setor a sofrer reformas, e o considerado mais importante pelo Partido Comunista Chinês, por todo o esforço que sempre foi colocado pela história, foi o da Agricultura, que precisou ser rapidamente repensado, pois, havia o risco de a grande fome acontecer novamente (BRANDT E RAWSKI, 2008). Xiaoping, desfez o que o governo anterior havia feito no Segundo Plano Quinquenal, acabando com a coletivização da agricultura, adotando o ‘Sistema de responsabilidade familiar’, que posteriormente seria levado para todos os setores da economia. Yan (2010) explica que a reforma significava que o detentor das terras era responsável pelas perdas e pelo lucro de suas plantações, onde antes era responsabilidade do governo, assim incentivando a produção, além disso, as cotas de produção foram reduzidas e passou a ser permitido que o excedente da produção fosse vendido em um mercado regulamentado.

Com essa reforma, rapidamente o padrão de vida das pessoas do campo melhorou consideravelmente, Hunt (2003) aponta que a produção agrícola chinesa aumentou em 25% entre 1975 e 1985, por causa desta reforma. Conforme elucidado por Brandt e Rawski (2008), reformas também foram feitas na área urbana industrial, partindo do mesmo princípio de um aumento na independência do setor, permitindo a produção das empresas estatais, que fossem além das alíquotas, a serem vendidas para o mercado interno, o que ajudou a acabar com a escassez de produtos para o povo chinês, grande temor da era maoísta. Com isso, também foi facilitada a possibilidade dos indivíduos em participar da administração dessas empresas estatais, e a mudança com maior importância na época, pela primeira vez desde a criação da República da China, foi possível a criação de empresas privadas, setor que se expandiu de forma exponencial durante os anos seguintes.

Em um pronunciamento se referindo aos parceiros econômicos da China, quando ainda era membro do governo Mao, Xiaoping disse sua famosa frase “Não importa se o gato é preto ou branco, se ele pega o rato é um bom gato.” (XIAOPING, 1962 apud IN QUOTES, 2014). As políticas econômicas e diplomáticas adotadas em sua gestão se mostrariam fieis ao ditado. Com um olhar para a nova política externa chinesa, em uma visita feita a Singapura, como descreve Lee Kuan Yew (2000) o primeiro escolhido Primeiro Ministro de Singapura, país que chamava atenção de Xiaoping pela evolução econômica que estava passando, surgiu a ideia do líder chinês de enviar chineses para os países em desenvolvimento, para que aprendessem sobre sua evolução e retornassem com esse aprendizado para aplicar na China.

Em 1979, os Estados Unidos da América reconhecem a República Popular da China e grandes empresas americanas como Boeing e Coca-Cola abrem negociações com o país, Deng Xiaoping visita o presidente americano Jimmy Carter em Washington e até as relações entre China e Japão melhoraram significativamente, os japoneses sendo um grande exemplo de rápido e eficiente desenvolvimento econômico (BANDT e RAWSKI, 2008).

Assumindo a negociação sobre Hong Kong, Deng visita a então Primeira Ministra Margaret Thatcher e consegue a assinatura da Declaração Conjunta Sino-Britânica, ficando acordado que o Reino Unido devolveria o território de Hong Kong para os chineses em 1997, com a condição que Xiaoping chamou de “um país, dois sistemas” se referindo ao tratamento especial que o território teria, onde, mesmo sendo parte da China, teria liberdade para ter sua própria administração pública e um certo grau de soberania. Posteriormente, em 1987, Portugal faria uma negociação muito similar para o território de Macau, que seria devolvido em 1999. A proposta é discutida para o território de Taiwan até os dias atuais (BANDT e RAWSKI, 2008).

Com a sua indústria e agricultura interna evoluindo, e suas relações diplomáticas com as grandes potências se consolidando, pela primeira vez na história a República Popular da China foi aberta para investimento estrangeiro, em dezembro de 1978. Xiaoping, como forma de melhor distribuir esse investimento, criou as zonas econômicas especiais, que basicamente removiam as barreiras burocráticas para o desenvolvimento, com o objetivo de acelerar o processo de crescimento econômico, que passou a ser a estrutura que possibilitou a organização econômica do país (BANDT e RAWSKI, 2008). Após a repercussão positiva de suas ações no cenário internacional, os investimentos externos passaram a ser um importante complemento para a economia chinesa.

No período entre 1980 e o início dos anos 90, as propostas do líder chinês amadureceram, a descentralização foi se expandindo, algumas empresas estatais sofreram privatizações e os distritos, líderes das então criadas zonas de influências, ganharam autonomia para decidirem as melhores formas de alavancar sua economia, ganhando uma grande parcela do mercado chinês (BRANDT e RAWSKI, 2008). Por consequência dessa crescente ‘perda de influência’ do governo central, os líderes do partido mais conservadores, ainda adeptos as ideias maoístas, se opuseram a muitas medidas que Deng Xiaoping pretendia tomar, levando a muitas dessas propostas serem barradas por falta de apoio. O principal líder opositor do governo era Chen Yun, que por sua história dentro do partido, sua liderança nos governos anteriores e influência no governo de Xiaoping é considerado a segunda pessoa mais influente da China no período, atrás apenas do então Líder Supremo (NAUGHTON, 2008). Sendo considerado um defensor dos ideais tradicionais chineses, Yun impediu muitas reformas importantes que prejudicariam grupos de interesse das elites chinesas, escondendo toda corrupção e escândalos que os envolviam desde a época maoísta, lutando contra a descentralização e a transparência do governo. Por essa postura conservadora, líderes que eram a favor das propostas de Xiaoping tornaram-se inimigos para esta parte do partido comunista, como Hu Yaobang, Chairman e depois Secretário Geral. Yaobang se tornou um importante personagem, por ser a face do governo de Xiaoping quanto a liberalização do mercado e da política chinesa, tornando-se um grande ícone para o povo chinês, que apoiava as propostas que afrouxavam o controle do Estado sobre eles (NAUGHTON, 2008).

Em meados dos anos 80, partindo principalmente dos estudantes das grandes universidades, que cada vez mais aprendiam sobre as ideologias do ocidente que culminavam em suas insatisfações com o governo engessado, por causa do lado conservador dominante do partido chinês. Zhao (2001), enfatiza a importância de figuras como Fang Lizhi, professor astrofísico do distrito de Hefei, que em 1896 fez um tour pelas grandes universidades da

China, fazendo discursos sobre liberdade, direitos humanos e democracia. Várias outras influências estudantis começaram a surgir a partir dessa ação, o que no mesmo ano culminou em protestos no distrito onde o professor dava aulas.

Como a insatisfação era geral, Wang (2006) aponta que a preocupação com a reforma lenta do governo e o medo de uma nova revolução cultural de Mao, que matou milhares, após os inícios dos protestos em Hefei, mais protestos em todas as outras grandes cidades chinesas se desencadearam pedindo a liberalização econômica e política do país. Após a intervenção das forças locais para conter as manifestações, os conservadores do partido acusaram Hu Yaobang, braço direito do governo de Deng Xiaoping e responsável pelas reformas que até então haviam sido feitas, de ter sido brando com os manifestantes, fazendo o governo parecer maleável perdendo a rigidez que sempre levava. Com isso, forçaram Hu a renunciar do cargo, iniciando dentro do partido uma campanha conhecida como antiburguês, como explica Spence (1999), teve como alvo o líder que havia renunciado, as políticas ocidentais e suas ideologias em geral.

Hu Yaobang continuou popular entre os movimentos estudantis, porém, a rígida ação do governo depois de sua saída, cessou as manifestações. Deng Xiaoping precisava trabalhar em uma estratégia para poder conter a insatisfação, mas quando a situação parecia sob controle, em 15 de abril de 1989, Yaobang sofre um ataque cardíaco e morre. Os movimentos estudantis explodem, como Pan (2008) explica, a maioria dos manifestantes não acreditaram na afirmação do governo que o ex-líder havia morrido de causas naturais, mas sim teria sido assassinado por seus opositores. As demandas das manifestações passadas voltavam com força total, os movimentos estudantis antes de certa forma diluídos, uniram-se, usando como seu principal local para protestos a grande Praça da Paz celestial (Tian'anmen Square), em volta do Monumento aos Heróis do Povo, durante 5 dias os estudantes protestaram incansavelmente, inclusive mais de 100.000 estudantes marcharam na praça no dia do enterro de Hu Yaobang, em 22 de abril de 1989.

Deng Xiaoping e seus líderes estavam sem saída, em uma manobra para tentaram usar a mídia para rotular os protestantes como inimigos do governo, o que Vogel (2011) afirmou ter causado o completo contrário do que o governo esperava, ao invés de assustar os manifestantes, só amplificou a vontade deles de protestar, trazendo mais de 50.000 estudantes para a Praça da Paz Celestial novamente. Quanto mais o governo tentava reprimir os movimentos, mais revolta trazia, em maio mais de 300.000 estudantes já estavam presentes nas manifestações. Com a situação se agravando, após diversas cúpulas dentro o conselho do Partido Comunista Chinês, Deng Xiaoping e seus secretários decretam lei marcial,

movimentando as tropas do exército para remover os estudantes da praça e cessar todo tipo de perturbação. Conforme Zhang (2001) narra, o Primeiro ministro chinês, Li Peng, emitiu um relatório para todos os membros do conselho do partido chinês, declarando que a única maneira de recuperar a paz seria utilizar da força para retirar os estudantes, que já estavam desorganizados e desorientado, mas, sem a intenção de desistir dos atos de protesto brevemente. Com isso, no final de maio, o exército que já cercava a praça começou a avançar em direção aos manifestantes, Brook (1998), conta que inicialmente, por terem o maior número de pessoas, os manifestantes conseguiram conter a ação militar cercando os tanques de guerra e tentando convencer os militares a se juntarem ao movimento deles, ato que se estendeu por toda delimitação da praça. As tropas então recuaram, os protestantes pensaram que haviam vencido e contido o avanço militar, mas o que eles não esperavam era a ordem vinda do Partido Chinês: Remover os manifestantes da praça, custe o que custar.

Na madrugada de primeiro de junho de 1989, o exército avança, mas dessa vez, mata todos os manifestantes que tentaram impedir o avanço deles até o centro da praça. Wu (2010), narra o avanço das forças militares, que no primeiro dia avançaram sob importantes pontos estratégicos, e nos dias seguintes iriam avançar em direção ao centro das manifestações. Na madrugada do dia 3 de junho, com a recusa dos manifestantes de se retirarem e a falsa segurança de que o exército não agiria com violência, já que sua manifestação era passiva, o exército avança, atirando com armas de fogo contra sua própria população. Após isso, os manifestantes foram se retirando aos poucos, no dia 5 de junho a mídia mostrou para o mundo um pouco mais o movimento, com o vídeo símbolo da luta dos jovens contra a tirania do governo, o ‘Rebelde desconhecido’ que desafiou a fileira de tanques do exército chinês. Por esse motivo, o que Deng Xiaoping tanto temia aconteceu, o mundo se voltou contra a China, pedindo esclarecimentos sobre o acontecido. Michel Oksenberg, Lawrence R. Sullivan, Marc Lambert (1990), em seu livro dedicado ao movimento “Beijing Spring, 1989”, mostra a instante repudia do mundo com as ações do governo chinês, mostrando os discursos dos oficiais após o acontecimento. O número declarado pelo governo chinês referente a quantas pessoas morreram dentre protestantes e militares, até hoje, é de 300 pessoas. O número de mortes declarado pelos protestantes chegou a ser mais de 10.000 pessoas mortas, depois chegando em consenso entre as partes em um número entre 3000 e 4000 pessoas ao todo. Conforme dito anteriormente, o governo chinês nunca revisou o primeiro número declarado, Xiaoping defendeu o movimento dizendo que o objetivo não era uma luta por direitos, mas sim uma tentativa de derrubar o governo vigente e o Partido Comunista Chinês, e isso não

seria tolerado. O ocorrido ficou conhecido como O Massacre na Praça da Paz Celestial, também referido pelos chineses como o Incidente de 4 de junho.

As grandes consequências das ações tomadas pelo governo chinês, não vieram apenas com protestos em todos os distritos chineses, mas também com uma forte pressão internacional. Com os protestos e as ações de Deng Xiaoping e Hu Yaobang, procurando a liberalização da China, a liberdade de imprensa foi um forte braço dos protestantes, que após o decreto de lei marcial e depois massacre em 4 de junho, foi completamente bloqueada. Bregolat (2007), mostra que na noite do ocorrido, o governo cortou toda ligação via satélite dos grandes veículos da mídia na época, sendo somente a espanhola 'TVE' que conseguiu capturar imagens de tiros e um pouco do ocorrido na praça. Críticas vieram de todas as partes do mundo, menos os países que apoiavam o regime chinês, como a Cuba, Tchecoslováquia e outros. Os países dependentes das relações econômicas com a China, decidiram por não se manifestar de forma ferrenha, para que sua cooperação econômica não fosse afetada. Porém, com o ato, o governo chinês se tornou muito mais forte internamente, resgatando o controle que havia perdido sob sua população. Após 4 de junho, todos os líderes das manifestações foram perseguidos e presos, alguns conseguiram fugir para países ocidentais onde vivem até hoje. Políticos que se opuseram as medidas do governo foram removidos de seus cargos e as políticas de afrouxamento da influência estatal sob o povo chinês foram abolidas, desfazendo os planos de Deng Xiaoping.

O clima na China foi dominado por essa influência conservadora, porém, como mostram Brandt e Rawski (2008), Xiaoping estava extremamente determinado em avançar com suas propostas, e em 1992 afirmava para os líderes dos distritos que visitava, que a reforma precisava continuar. Além dos problemas internos, a economia chinesa ainda estava enfrentando forte inflação e problemas com administração de empresas estatais, o que gerou uma perda na economia chinesa no período, até a retomada das políticas em 92. A China, que já estava com metade do caminho andado, perderia muito por voltar atrás, portanto, para alavancar o crescimento econômico e chegar aonde pretendia, decidiu focar no processo de privatizações. A manobra que, como intenção inicial, era considerada como apenas mais uma ramificação para a reforma do país, se tornou o componente mais importante. Então, Deng Xiaoping, tomou possivelmente o passo mais importante para que suas esperadas reformas prosperassem, como também afirma Naughton (2008), forçando todos os líderes políticos conservadores que impediam seu avanço a se aposentar, por sua idade bem avançada. As reformas conseguiram finalmente serem implantadas, porém, os líderes conservadores não eram os únicos com a idade avançada. Xiaoping passou os próximos anos cuidando de sua

saúde, de 1993 em diante as propostas foram tocadas pelos líderes aliados dele, as privatizações tomaram grandes proporções e a economia chinesa finalmente sofreu o ‘boom’ que esperava. Em fevereiro de 1997, com sua saúde debilitada, o Líder Supremo Deng Xiaoping morre, aos 92 anos de idade. Sua morte já era esperada pelo povo chinês, sabendo de sua delicada situação nos seus últimos anos de vida.

2.4 O PÓS DENG XIAOPING

Após sua morte, diversos atos feitos pelo governo chinês retomaram a trajetória do grande líder na história da China e sua importância. As lideranças internacionais se manifestaram, como mostra o artigo escrito pela CNN, *World Leaders praise Deng’s economic legacy* (1997), logo após sua morte, com palavras ditas pelo secretário-geral da ONU, Kofi Annan “Deng deve ser lembrado “na comunidade internacional como um arquiteto principal da modernização e do dramático desenvolvimento econômico da China”. Jacques Chirac, o presidente Francês afirmou “No decorrer deste século, poucos homens, tanto quanto Deng, lideraram uma vasta comunidade humana através de mudanças tão profundas e determinantes”. O primeiro-ministro britânico, John Major, comentou sua importante atuação no acordo com o território de Hong Kong. O líder de Taiwan expressou suas condolências, visando relações harmoniosas com a China. Dalai Lama, quando comentou sobre os assuntos não resolvidos no Tibete, lamentou a morte do líder chinês, dizendo “(...)parecia que ele tinha a intenção de resolver o problema tibetano por si próprio, durante sua vida”. Diversos memoriais foram criados em todo a China, em homenagem ao Líder (WORLD LEADERS, 1997).

Embora morto, a Era Deng Xiaoping estava longe de acabar. Jiang Zhemín e Zhou Rongji, seus sucessores diretos, que já estavam tomando a maioria das medidas, porém, respeitando a liderança e a fase difícil que Xiaoping passava, tomam o poder e com energia total colocam os planos da abertura econômica em prática. No ano seguinte, as privatizações decolaram, alíquotas de empresas estatais, deixando de lado empresas importantes para o governo, foram liquidadas. Brandt e Rawski (2008), afirmam que no período entre 2001 e 2004, o número de empresas estatais caiu 48%. O que facilitou muito a vinda dessas empresas para a China, de acordo com o entendido por Naughton (2008), foi o fato de além da possibilidade para privatizações das empresas, os novos líderes chineses também fizeram importantes reformas, no ponto de vista deles, para que o desenvolvimento fosse possível,

como a redução de barreiras comerciais rígidas, redução de tarifas e uma importante reforma no setor bancário também.

Hu Jintao assume a liderança do partido comunista, alguns passos arriscados também foram tomados, como forçar o exército chinês a se desfazer de negócios administrados por militares. Com isso, uma considerável redução na inflação, o ingresso do país na Organização Mundial do Comércio em 2001. O descontentamento foi grande dentre os que não se adaptaram a nova gestão empresarial das empresas, que acabaram por perder seus empregos. Com a crescente evolução da reforma, a China entra no segundo milênio com um avanço econômico estratosférico, em 2005, com o setor privado com uma fatia maior que 50% da economia e já ultrapassando o Japão como maior economia da Ásia, mas, mesmo assim, ainda não tinha atingido seu auge.

Contudo, Hu Jintao, tinha uma administração mais conservadora comparada com a de Deng Xiaoping, apoiou as privatizações inicialmente, mas mantendo a segurança de que o Estado tinha o controle sob tudo. Por isso, Brandt e Rawski (2008) dizem, o líder que assumiu o poder em 2002, começa a reverter algumas políticas de Xiaoping, priorizando políticas mais igualitárias e populistas, lembrando o governo de Mao. Políticas essas que visaram a remoção de subsídios no setor de saúde, um desaquecimento das privatizações que viam em grande evolução e adotou políticas monetárias menos rígidas, facilitando o crédito para construção de imóveis e indústrias, o que acabou causando uma bolha imobiliária similar com a ocorrida em 2008 nos Estados Unidos. Com a bolha, os preços dos imóveis triplicaram, como cobriu a revista *The Irish Times* (2009), a situação imobiliária da China 4 anos após as políticas de Jintao eram insustentáveis. A consequência positiva da posição do governo, como Derek Scissors (2009) escreveu na *Foreign Affairs*, foi que o investimento estatal estava todo voltado para as grandes empresas chinesas, criando grandes monstros empresariais capazes de lidar com qualquer empresa soberana estrangeira. Mesmo assim, Scissors, na mesma matéria, também diz "(...) 2008 marcou o trigésimo aniversário do início das reformas de mercado na China - e talvez o terceiro aniversário de seu término" (Tradução nossa).

As ideias do líder chinês não traziam o melhor cenário para a China, no ponto de vista dos economistas liberais, porém, suas políticas possibilitaram um grande controle sob uma crescente economia, o que no ponto de vista de soberania chinesa, não permitiu que as políticas liberais de Xiaoping dessem controle para as empresas estrangeiras e ao capitalismo. Hu Jintao continuou com suas políticas, desaceleramento da influência estrangeira dentro de seu território e intenso investimento na economia e industrialização local, durante seu governo vigente. O líder foi considerado em 2009 pela revista *Newsweek* (Chinese presidente Hu

Jintao, 2009), a segunda pessoa mais poderosa do mundo e a Forbes, em 2010 (The most powerful people on Earth, 2010), colocou o presidente da República da China como a pessoa mais poderosa do mundo, a frente do então líder americano, Barack Obama.

Não seria correto afirmar dizer que Jintao não foi uma pessoa influente durante o período que permaneceu como líder da China, menos presente em 2002 quando assumiu e forte em 2012 quando deixou o cargo, contudo, sua atuação e conquistas foram frutos do que o governo de Deng Xiaoping proporcionou a China, ajustes foram feitos, porém o crescimento econômico da gigante asiática se deu pela forte estrutura criada no governo anterior. Sua influência dentro do partido comunista era fraca, Zhang (2012) afirma que Hu teve grandes dificuldades em conseguir implementar um programa coeso entre os líderes políticos, não conseguindo exercer um poder central que fosse forte o suficiente para executar as ações necessárias para se ter uma base aliada forte. Hu Jintao foi uma grande personalidade chinesa, mas não trouxe nenhuma nova proposta ou ação, como as reformas de Mao e Xiaoping, e também não conseguiu ser efetivo dentro do partido. Por esse motivo, a era de Hu ficou como uma transição para uma mudança maior que estava por vir, alguém que pudesse unir o partido e implementar eficientemente as políticas necessárias para o crescimento econômico, assim como a influência da China como potência regional.

2.5 O INÍCIO DA ERA XI JINPING

Posto o cenário chinês, conseguimos entender como o país se encontrava no momento da posse do atual líder chinês, Xi Jinping, em 2013. O líder chinês, que antes de assumir o cargo já tinha uma forte influência no partido, sendo anteriormente o governador e secretário do partido comunista na grande província de Zhejiang, depois assumindo como secretário do partido em Xangai, Xi escalou na hierarquia política chinesa, até, através de suas propostas e posicionamento, assumir de fato o governo chinês.

Para que seu governo fosse eficaz, diferentemente do seu antecessor, o líder precisava garantir que todas as propostas que fossem feitas teriam total apoio dos membros dos partidos, então ele começou a fazer as reformas necessárias. Miller (2018), mostra que um dos primeiros passos tomados pelo presidente para conseguir seguir com seu governo e propostas, foi usar da lei da aposentadoria, que foi aprovada em 2002, para os membros do Comitê Central, que de fato tomavam as decisões. Com isso, todos com idade acima de 68 anos teriam que se aposentar, totalizando 11 membros que foram substituídos por homens de confiança de Xi. Para conseguir unir os membros do comitê, após a ‘renovação’ dos

membros, o presidente fundou a Comissão de Segurança Nacional do Partido Comunista Chinês, que tinha como objetivo consolidar todos os problemas relacionados à segurança nacional em um só órgão, o que foi considerado um grande reagrupamento da principal estrutura de poder do partido, mostrando que Xi, diferentemente de Hu, conseguiria governar com apoio dos membros.

O novo líder se mostrou liberal quanto a suas políticas de mercado, porém extremamente rígido com sua política interna. Com um viés muito mais ideológico que seus antecessores, Jinping começa sua campanha em direção a o que ficou chamado ‘China Dream’, como escreve Malcom Moore (2013), o objetivo era o “grande renascimento da nação chinesa”, com a volta da China como o centro do mundo, começando essa revolução dentro do país. As políticas para a sociedade civil chinesa ficaram cada vez mais rígidas, como Shannon Tiezzi (2014) escreve, a controversa política da ‘Soberania da internet’ foi adotada, onde o governo passou a restringir e controlar todos os sites e serviços via Web que o povo chinês teria acesso. Conteúdos que, na visão do governo, não eram interessantes a população civil ter acesso, foram censurados não somente na internet, mas diversos livros e áreas de estudos dentro de escolas e universidades. O sistema de vigilância em massa também foi implementado, onde câmeras com alta tecnologia de reconhecimento facial foram colocadas em todas as áreas importantes da China, funcionando coletando dados da localização de todos os civis 24 horas. Embora um claro despeito aos direitos humanos, o líder chinês continuou muito popular.

Um dos grandes objetivos de Xi Jinping como governante, era recuperar a influência mundial da China, Kuhn (2013) mostra que seus discursos iniciais e seu rótulo de o novo nacionalismo, chinês gerou uma forte repercussão e receio por parte da comunidade internacional, que estava vendo uma China forte com propostas robustas saindo de um período de estagnação política para uma abordagem mais agressiva “O nacionalismo de Xi é uma estratégia de "O ataque é a melhor defesa" - uma inoculação contra ser rotulado como "ameno". Uma prova da afirmação do autor, são as inúmeras viagens que o presidente chinês faz nos primeiros meses de seu governo, inclusive sendo a primeira delas para a Rússia, uma semana após assumir o cargo. Xi Jinping não tinha interesse em manter a gigante asiática da forma que estava, o grande líder entrava no governo para mudar completamente o que conhecíamos como China. Xi é muito comparado com Mao, por sua postura mais nacionalista, talvez por consequência do governo de Deng Xiaoping ter sido liberal de mais, porém os princípios de Mao não estavam presentes em seus planos, muito menos os princípios de Xiaoping. Heydarian (2014), escrevendo para o site de notícias Al Jazeera, mostra a

famosa frase de Deng Xiaoping antes citada, “Esconda sua força, espere seu tempo”, e afirma que Xi Jinping não parecia concordar com a ideia do antigo líder e que o tempo de mostrar a força chinesa chegou.

3 O PROJETO DA NOVA ROTA DA SEDA COMO A CONCRETIZAÇÃO DAS TEORIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS CHINESAS

Xi Jinping mostrava muita força em seus discursos após assumir a presidência, era perceptível o apoio que tinha por parte dos membros do Partido Comunista Chinês e do conselho. Para o mundo, não se tinha certeza se ele seria um presidente mais nacionalista ou mais um liberal seguidor das ideias de Xiaoping, então, depois de suas diversas visitas diplomáticas, imaginava-se que o novo líder, mesmo que se preocupasse mais do que seu antecessor com a política externa do país, teria como desejo recuperar o espírito nacional que antes a China tinha, e assim iria acabar focando em suas políticas internas, em enrijecer o controle sobre seu povo, recuperar os costumes que foram deixados para trás por causa da globalização e a abertura de seus mercados (XI JINPING TAKES, 2012, tradução nossa).

Xi, além de efetuar reformas internas, enquanto em uma de suas visitas diplomáticas a um país chave, o Cazaquistão, propôs a revitalização de uma antiga rota utilizada a milhares de anos atrás, a Rota da Seda⁴, com investimentos chineses, que mudaria completamente tudo que se entendia até então por política externa chinesa, em menos de um ano depois de assumir sua posição. Nasce, o que antes era apenas uma ideia do governo, em setembro de 2013, a audaciosa proposta da Nova Rota da Seda, dando início à construção do plano de ações para a criação das diretrizes e objetivos do grande projeto.

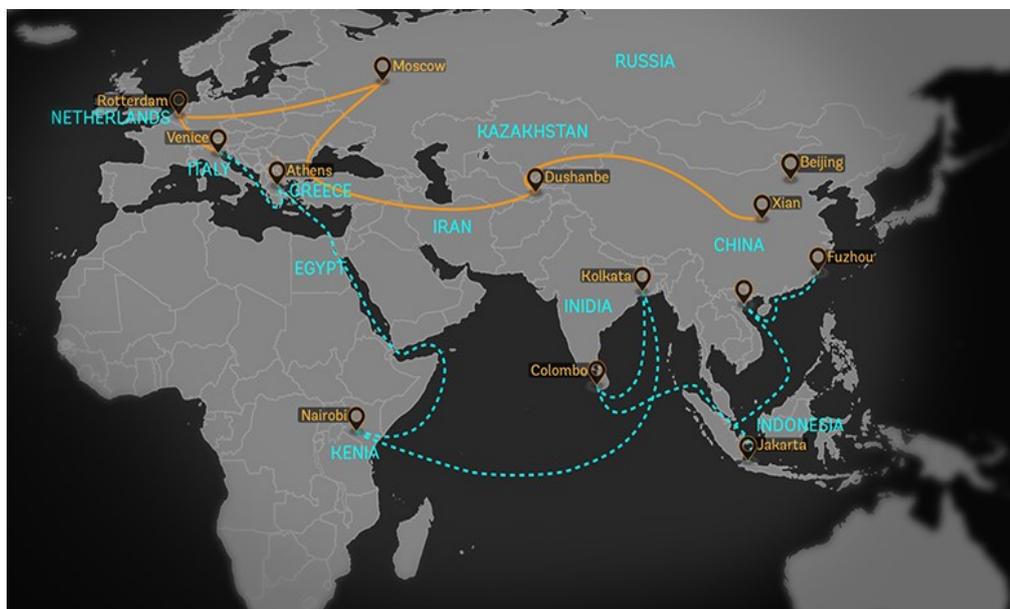
3.1 O PROJETO DA NOVA ROTA DA SEDA

O que seria essa nova rota, ainda não estava claro para ninguém, com sua primeira breve menção neste discurso do líder. Contanto, após ser lançada, tudo começou a se arquitetar como um grande plano do governante e de seus líderes, sem perder tempo nenhum, o premier chinês Li Keqiang começou sua campanha por toda Ásia disseminando a ideia. O site do Conselho de Estado da República Popular da China, que é escrito e controlado pelo governo chinês para leitura de todos, mostra, em uma linha cronológica construída em 2015, que a agenda diplomática do presidente após a menção do projeto no Cazaquistão foi

⁴ A Rota da Seda era uma rede de rotas comerciais que ligava o Oriente e o Ocidente e era central nas interações econômicas, culturais, políticas e religiosas entre essas regiões, do século II aC ao século XVIII. A Rota da Seda refere-se principalmente às rotas terrestres que conectam o Leste Asiático e o Sudeste Asiático ao Sul da Ásia, Pérsia, Península Arábica, África Oriental e Sul da Europa (GAN; BRILL; SHOUYUN, 2009).

completamente voltada a desenvolver o plano e fazer de tudo para que todos o acolhessem. Em outubro do mesmo ano, um mês após a proposta, Xi Jinping vai a Indonésia, outro país chave, e faz propostas ainda mais robustas, como a criação de uma comunidade asiática que serviria de guia para a construção de não só uma rota terrestre, mas também uma rota marítima, que ligaria diversos importantíssimos pontos de influência por toda a Ásia, Europa e África, com o transporte de pessoas, mercadorias, energia e matéria prima por todo o território, como ilustrado na figura 1.

Figura 2 – Mapa “Projeção da Nova Rota da Seda”



Fonte: BELT (2018)

“O Cinturão Econômico terrestre da Rota da Seda concentra-se em reunir China, Ásia Central, Rússia e Europa (Báltico); ligando a China ao Golfo Pérsico e ao Mar Mediterrâneo através da Ásia Central e do Oceano Índico. A Rota da Seda Marítima (...) foi projetada para ir da costa da China para a Europa através do Mar da China Meridional e do Oceano Índico em uma rota e da costa da China (...) para o Pacífico Sul na outra.” (CHINA, 2015, tradução nossa).

Para apoiar toda a infraestrutura necessária para fazer isso acontecer, a comunidade asiática, principais beneficiados pela proposta do líder, criariam um banco de investimento para infraestrutura, onde haveria um fundo para o desenvolvimento da nova rota, que funcionaria como o Banco Mundial.

Xi Jinping e seus ministros começaram uma forte movimentação para incitar a cooperação entre seu país e os países vizinhos. O líder chinês não tinha um plano, porém o resultado de suas visitas foi extremamente positivo e a repercussão muito boa, o que ficou

evidenciado quando nos meses seguintes, em fevereiro de 2014, os Russos chegam a um consenso com os chineses e topam a construção da nova rota. Como mostra um dos maiores veículos midiático chinês, o Chinadaily, ainda em 2014 a China e o Cazaquistão já davam início a um projeto portuário multimilionário que seria importante para a continuação da Nova Rota da Seda (CHINA, 2017, tradução nossa). Em outubro de 2014, 21 países asiáticos estavam dispostos a serem membros fundadores do banco para investimento em infraestrutura proposto pelos chineses a um ano atrás, assinando o memorando para o estabelecimento, no final de 2015 e com sede em Beijing, do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB).

O líder chinês anunciou no mês seguinte um investimento inicial de 40 bilhões de dólares, que serviria como fundo para financiar os projetos da nova rota, assim como suporte financeira e em outros projetos para os países membros. Com o anúncio do líder chinês e a grande expectativa criada, em janeiro de 2015 o número de associados subiu para 26, com países muito importantes, como a Arábia Saudita e Nova Zelândia. Após alguns meses de planejamento as lideranças do partido chinês terminavam de desenhar melhor a estrutura do projeto, alinhando quais seriam os passos necessários para que o mesmo prosperasse. Com tudo preparado, em 28 de março de 2015, a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma, o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério do Comércio lançaram em conjunto o plano de ações sobre os princípios, prioridades estruturais e mecanismos de cooperação para o projeto da Nova Rota da Seda, que agora poderia prosseguir com suas diretrizes definidas (CHINA, 2015, tradução nossa).

O plano de ação chinês para a Nova Rota da Seda diz muito a respeito sobre quais eram as principais preocupações do governo. Com o projeto rodando ‘não oficialmente’ por cerca de um ano e meio, Xi Jinping conseguiu fazer uma análise de quais problemas iriam encontrar para prosseguir com o projeto de maneira a ter o máximo sucesso possível. Percebe-se observando o plano as transcrições do plano, uma grande preocupação da China em mostrar que o projeto está aberto para qualquer país ou organização entrar, e deixando bem claro que o objetivo deles era um crescimento mutuo de todos os membros, e que não seria uma via de mão única, todos os países seriam igualmente beneficiados com os projetos. Como mostra o discurso de Xi na apresentação do plano de ações:

“Os programas de desenvolvimento serão abertos e inclusivos, não exclusivos. Eles serão um coro real, abrangendo todos os países ao longo das rotas, não um solo para a própria China. O desenvolvimento da Iniciativa da nova rota é um processo de cooperação pluralista e aberto, que pode ser altamente flexível sem aderir à conformidade, como o plano. A China está pronta para trabalhar com os países

participantes na melhoria do conteúdo, modo da iniciativa e também no desenvolvimento de cronogramas, roteiros de mecanismos, planos e projetos cooperativos. A China convida todos os países ao longo das rotas e na Ásia, bem como com nossos amigos e parceiros em todo o mundo, para participar ativamente desses empreendimentos. Ao promover esta iniciativa, a China seguirá o princípio de ampla consulta, contribuição conjunta e benefícios compartilhados (CHINA UNVEILS, 2015, tradução nossa).”

Fica claro que, a grande barreira que a China encontrou foi fazer os países acreditarem que eles estariam investindo todo esse dinheiro, tempo e estrutura, para um projeto quase que filantrópico, pensando que grande parte dos países que a Nova Rota da Seda passa tem uma economia ínfima em comparação a gigante asiática. Essa mesma situação causou preocupação em Xi, não somente pelos membros que viriam a aderir ao projeto, mas também para aqueles que seriam contra, como os Estados Unidos, que usariam dessa suspeita da bondade chinesa para espalhar medo e insegurança para quem estivesse pensando em se juntar aos chineses. Essa questão será melhor debatida no próximo capítulo, onde mostraremos as críticas a proposta, e os possíveis futuros. Para prosseguir com a proposta, o AIIB precisava ser consolidado, ainda em 2015, o banco iniciou suas operações após a ratificação de mais de 50% dos membros fundadores iniciais de 2013, sendo um deles o Brasil, com um capital autorizado de 100 Bilhões de dólares, com a China, claro, sendo o maior stakeholder com 26% do valor investido, abrindo para operações em janeiro de 2016.

A partir deste momento, como podemos observar em artigo escrito no site chinês criado exclusivamente para mostrar os avanços da Nova Rota da Seda, (BELTANDROAD.NEWS, 2019), os projetos ‘oficiais’ se iniciam, contendo todo tipo de infraestrutura criada, cumprindo o proposto pelo governo chinês. Exemplos são, a construção da linha de trem bala na indonésia, Jakarta-Bandung, com 142 km de distância. A construção da primeira linha ferroviária da Nigéria, com 186,5 km de distância, em Abuja. Portos gigantescos, como o Colombo Port no Sri Lanka, com investimento anunciado de 1.4 bilhões de dólares, o porto de Piraeus na Grécia, sendo o maior porto do país, com investimento esperado de 290 milhões de Euros. Grandes pontes, como a ponte de Temburong em Brunei, com 30 km de distância, sendo o maior projeto de infraestrutura na história de Brunei. Para dar uma melhor proporção, a maior ponte brasileira, a Rio-Niterói, tem 13.290 km de distância. A ponte de Padma, sobre o rio Padma em Bangladesh, com um contrato de 1.55 bilhões de dólares e 10 km de distância, o que irá reduzir em 13 horas a viagem que liga as cidades do sul do país até a capital. Também foram aprovados projetos na América do Sul, como a fazenda de turbinas eólicas em Punta Sierra no Chile, com um total de 32 turbinas,

projeto de 150 milhões de dólares. O projeto englobou estruturas como a joint venture da Yamal LNG, localizado na península de Yamal na Rússia, que fica no círculo polar ártico, sendo uma das maiores plantas de gás natural do mundo, com capacidade de 5.5 milhões de toneladas por ano de gás. Ademais, projetos de parques industriais, como o Great Stone, localizado na Bielorrússia com uma área de 91.5 km². Outro importante ramo da Rota são as zonas de livre comércio internacional, como a criada em Djibouti, país da África Oriental. (10 AMAZING, 2019, tradução nossa)

Figura 3 - Imagem “Trem bala - Jakarta-Bandung – Indonésia”



FONTE: BELT & ROAD NEWS (2018)

Figura 4 - Imagem "Porto de Piraeus – Grécia"



FONTE: BELT & ROAD NEWS (2018)

É de suma importância observar que grande parte desses projetos com proporções colossais, são feitos em países ou áreas que antes não tinham nenhum tipo de investimento estrangeiro, muito deles nunca nem ouvimos falar. Com isso, a China não teve dificuldade em aprovar seus projetos, as propostas feitas pelo governo chinês para esses Estados necessitando desesperadamente de infraestrutura foram praticamente inegáveis.

Em maio de 2017, o primeiro fórum internacional da Nova Rota da Seda foi concebido, com 29 presidentes e mais de 1600 participantes vindos de 140 países e 80 organizações internacionais. “Ele produziu uma lista de resultados, que incluiu 76 consensos, abrangendo mais de 270 resultados detalhados em cinco áreas-chave: política, infraestrutura, comércio, finanças e conectividade pessoa a pessoa.” (FIRST BELT, 2019, tradução nossa). Fórum que novamente corrobora com o proposto pelo presidente Xi, onde o projeto traria todas as propostas e políticas para debate, não somente com interesses chineses, mas de todos os membros participantes.

Empresas estatais chinesas estavam a todo vapor, como mostra a Reuters (WU; CHATTERJEE, 2017), mais de 33 bilhões de dólares já haviam sido investidos em agosto de 2017, com 109 projetos aprovados, ultrapassando os 31 bilhões do ano todo de 2016 (CHINA'S BELT, 2016, tradução nossa). Então, em outubro de 2017, o líder chinês Xi Jinping, que incondicionalmente tinha seu nome ligado ao grande projeto, dá uma grande cartada política no 19º Congresso do Partido Comunista Chinês, decidindo que iria adicionar na constituição do Partido Comunista a conclusão do projeto da Nova Rota da Seda, tornando, para o partido, constitucional o seu prosseguimento. “Seguindo o princípio de alcançar um crescimento compartilhado por meio de discussão e colaboração e através da Iniciativa da Nova Rota da Seda” (BELT AND ROAD, 2017, tradução nossa). E essa não seria a única coisa que foi adicionada na constituição do partido, o líder chinês e os membros do conselho decidiram, em março de 2018, que se tornaria constitucional o que ficou conhecido como ‘Xi Jinping Thoughts’, sendo basicamente os pensamentos de Xi Jinping, se referindo o que ele pensava em relação ao socialismo chinês em busca de uma nova era. “Como um conteúdo importante da emenda, a inclusão do pensamento de Xi na lei fundamental do país reflete a aspiração comum de todo o Partido e de todo o povo chinês de vários grupos étnicos. (XI’S THOUGHT, 2018, tradução nossa).” Quando observado os passos dos líderes chineses durante a história da China, conforme mostrado no primeiro capítulo, consegue se perceber uma semelhança dos atos de Xi com o que pensava Mao, com uma abordagem mais conservadora e nacionalista e com forte liderança. Se seu antecessor teve dificuldades em fazer reformas dentro do partido e conseguir apoio do conselho, e Deng Xiaoping teve

membros que se opunham as reformas propostas a todo tempo, atrasando seus planos, Xi Jinping mostra que governa a China do jeito que quiser e suas propostas serão sempre abraçadas. Conseguiu, através de sua influência, centralizar novamente o poder no governo Chinês, que antes estava dividido entre quem apoiava as políticas do líder supremo e quem não, realmente preparando os chineses a tomarem uma nova abordagem no sistema internacional.

A Nova Rota da Seda estava prosperando, como mostra uma notícia do site chinês Xinhua⁵, que é uma das principais fontes da mídia internacional para coletar as informações sobre o governo chinês, a China em 2018 assinou 171 documentos para cooperação no projeto da nova rota, incluindo mais de 150 países e organizações internacionais, um deles sendo o Brasil. Resultados tangíveis foram vistos na construção do parque industrial da China e dos Emirados Árabes Unidos. O líder chinês chegou a acordos com mais de 10 países, incluindo França, Japão e Cingapura, sobre cooperação em mercados de terceiros. Os projetos ferroviários China-Laos e China-Tailândia fizeram progressos sólidos. A ferrovia de alta velocidade de Jacarta a Bandung iniciou a construção e o projeto do porto de Gwadar no Paquistão também foi impulsionado. Os trens de carga China-Europa fizeram mais de 13.000 viagens até agora, com a proporção de viagens com destino à China quase 20 pontos percentuais. Os trens conectam cidades chinesas a 49 cidades em 15 países. A conectividade da aviação melhorou nos países participantes da Iniciativa do Cinturão e Rota, com o número de rotas aéreas em 106 em 2018. As atuais 387 rotas aéreas conectam 33 países que participam da Iniciativa da nova rota.

A aliança das organizações científicas internacionais da nova rota foi estabelecida no ano passado, o que ajudará a China a construir plataformas de transferência de tecnologia com a ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático), sul da Ásia, países árabes, Ásia Central e Europa Central e Oriental, além de facilitar os esforços conjuntos da China e de oito países, incluindo as Filipinas e Indonésia para desenvolver parques científicos. A Rota da Seda Digital avançava constantemente. Foram assinados memorandos de entendimento sobre cooperação entre China e 16 países. O volume acumulado de comércio da China com os países da rota ultrapassou os 7 trilhões de dólares. Construiu 82 zonas de cooperação econômica nos países membros, com investimentos superiores a 30 bilhões de dólares. O investimento não financeiro da China chegou a 15,64 bilhões de dólares, um aumento de

⁵ Xinhua é a agência de notícias oficial do governo chinês, sendo considerada uma das maiores agências do país, que lançou em 2016 um portal em português visando o público falante da língua, tendo desde 2004 um departamento dedicado a língua portuguesa. (LUSA, 2016)

8,9%. A China assinou acordos de cooperação cultural com mais de 60 países da rota e estabeleceu 17 centros culturais no exterior, nos países membros. (NEW PROGRESS, 2019, tradução nossa).

Ainda em 2018, se deu o início das tensões comerciais entre Estados Unidos e China, com o presidente Trump aumentando as tarifas para seus produtos, e diversos ‘ataques diplomáticos’ tomados pelo líder americano acusando os chineses de manipular o mercado internacional e efetuar a prática de dumping de seus produtos industrializados, que levaria a uma guerra comercial que vemos hoje. Mesmo assim, o projeto da Nova Rota da Seda caminhava em passos largos, e a pressão colocada pelos Estados Unidos, que são ainda o maior parceiro comercial da China, mostrou para os chineses que buscar outras alternativas de comércio em países menos explorados comercialmente era uma grande saída para fugir dessa guerra e escoar seu comércio, o que deve impulsionar mais ainda os projetos da nova rota nos próximos anos.

A organização World Bank mostra que até 2018 o projeto da gigante asiática englobava um terço do PIB mundial e 60% da população total. (BELT AND ROAD, 2019, tradução nossa). Em mais um artigo postado pelo site de notícias Xinhua, se apresenta os resultados dos projetos da Nova Rota da Seda em 2019 até então, que impressionantemente tem apenas 6 anos de história, e mais uma vez podemos notar a preocupação do governo chinês em espalhar a mensagem de que o projeto não serviria para beneficiar apenas a China, mas todos os membros que aderirem. Revela também algumas das conquistas do projeto, como os principais conceitos da nova rota serem escritos em documentos das Nações Unidas, G20 e APEC. O número de trens de carga China-Europa ultrapassou 14.000 em março, com um número de 173 acordos de cooperação com 125 países e 29 organizações internacionais (XINHUANET, 2019).

Atualmente, a China tem como uma das suas principais propagandas o desenvolvimento sustentável, o que chamam de ‘infraestrutura verde’, que se tornou uma grande saída do governo chinês para conseguir prosperar com as propostas do grande projeto. Os temas voltados para a redução da poluição e a defesa do meio ambiente em alta no mundo, os planos da China com as construções da rota procuraram propor cada vez mais trazer estruturas que minimizam a poluição, conseguindo apoio de organizações e também de países que precisam melhorar seus índices de poluição para ficarem melhor vistos perante o sistema internacional. Essa não era a estratégia inicial da China, como cita Baker McKenzie:

"A Nova Rota da Seda da China evoluiu significativamente desde o início; os projetos de hoje são muito diferentes dos assinados há cinco anos e voltarão a ser diferentes daqui a cinco anos. Após um foco inicial na infraestrutura principal, espero que o setor privado, capital global, e a manufatura desempenhará um papel crescente no futuro da rota, ajudando a moldar o papel da China nas cadeias de suprimentos globais ". (\$800 BILLION, 2019, tradução nossa).

Com isso, fica evidente que a China engessada e inflexível que vimos durante a história não está mais presente enquanto Xi Jinping, e seus pensamentos, estiverem no comando da gigante asiática. A capacidade de ser maleável com as estratégias de seus projetos e propostas, aumenta consideravelmente as chances de obter sucesso com um sistema internacional extremamente instável que passamos. O site chinês Chinadaily mostra como os chineses estão se voltando a combater a recessão, causada pelo unilateralismo e protecionismo crescente no mundo, afirmando que a Nova Rota da Seda seria o caminho para conseguir resgatar a economia global, dando um importante papel a China de ser a responsável por isso.

“Embora a economia mundial tenha se recuperado em certa medida, a crescente ameaça do unilateralismo e do protecionismo comercial coloca sérios desafios ao crescimento global. Por exemplo, o crescimento global deverá cair de 3% em 2018 para 2,9% neste ano (...) o investimento direto estrangeiro (IED) caiu de US \$ 1,47 trilhão em 2017 para US \$ 1,2 trilhão no ano passado. O declínio contínuo nos últimos três anos viu o IDE cair no ponto mais baixo desde a crise financeira global. ” (HUIYAO, 2019, tradução nossa).

O autor, então, usa do gancho deixado para afirmar que, contrariando a tendência de redução econômica global, todos os países membros do projeto da Nova Rota da Seda tiveram um crescimento considerável, principalmente os países em desenvolvimento. Afirma que é mais difícil ver resultados concretos em países mais desenvolvidos, pois o ambiente externo influencia muito em seus resultados, mas que seria muito pior se não fizessem parte da iniciativa. Uma grande aposta da China são os projetos relacionados a transporte, buscando a redução de custo e tempo na locomoção de toda mercadoria que girar dentro do sistema da rota, gerando um crescimento na arrecadação global considerável para todos, usando isso como prova do projeto ser para benefício mútuo, e não único dos chineses. Se espera também, a criação do Comitê de Cooperação Internacional da Nova Rota da Seda nos próximos anos, que seria a proposta de Xi de unir os líderes interessados nos projetos da rota para melhor debate do futuro que ela deve tomar. (HUIYAO, 2019, tradução nossa)

A multinacional Baker McKenzie, com apoio de organizadores e consultores da Nova Rota da Seda, fez um estudo sobre os possíveis futuros do grande projeto chinês nos próximos 10 anos, levando em consideração todas as possíveis problemáticas que possam vir a existir,

indo da perspectiva mais otimista até a mais pessimista. Eles afirmam que o projeto pode ser “era de ouro para investimentos em infraestrutura de mercados emergentes”, mas com a condição da China conseguir lidar com todos os problemas geopolíticos e diplomáticos que enfrenta hoje. De acordo com os estudos, os investimentos para os próximos anos podem variar entre 1.32 trilhão de dólares, se o modelo de cooperação global da China prosperar, em uma previsão quase utópica, e 560 bilhões de dólares, levando em consideração a compreensão da atual situação do sistema internacional, com o impacto de um possível forte recessão, a crescente do nacionalismo e a competição de outras nações. (UNLOCKING BELT, 2019, tradução nossa).

3.2 AS TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS CHINESAS

As previsões feitas pelos líderes chineses para o futuro da iniciativa, com um título de “Rota para um futuro brilhante”, mostra que a China busca virar completamente o jogo do sistema internacional, com uma proposta que tem como objetivo a abertura total dos mercados e a aceleração da globalização. Com um cenário completamente oposto até a entrada de Deng Xiaoping, conforme mostrado anteriormente, onde os chineses tinham seus mercados fechados para capital externo, enquanto outros países como os Estados Unidos e países da Europa pregavam a abertura do comércio e a liberalização do mercado, pressionando Pequim. (XINHUANET, 2019)

"A Iniciativa da Nova Rota da Seda se tornará um caminho de paz, prosperidade, abertura, desenvolvimento verde, inovação, civilizações conectadas e governo limpo (...) Isso tornará a globalização econômica mais aberta, inclusiva, equilibrada e benéfica para todos". (XINHUANET, 2019, tradução nossa).

Os líderes Chineses se mostraram muito mais preocupados com sua imagem perante o sistema internacional, pois, perceberam que se mantivessem a imagem e o fraco Soft Power que os governos anteriores propuseram, seus projetos de fortalecer a política externa chinesa não teriam sucesso, e as críticas ocidentais que sempre foram mais fortes iriam tentar acabar com a reputação do projeto, atrasando o desenvolvimento da nova rota. Inclusive, um dos projetos de Xi Jinping é a criação de projetos para facilitar o estudo de estrangeiros na China e também levar o ensino da cultura chinesa para todo o mundo, como forma de criar uma identidade chinesa fora de seu território. Com isso, projetos do governo chinês tentando engajar a comunidade ocidental a entender e estudar a cultura oriental chinesa, se tornaram

muito comuns. Como exemplo, temos a série de músicas produzidas pelo governo de Xi Jinping, postadas no site de streaming de vídeos Youtube, com o título sendo “A Nova Rota da Seda para crianças”, todas em inglês e mostrando criança de todas as etnias cantando e dançando, com letras enaltecendo o grande projeto chinês (HOLLINGSWORTH, 2017).

Por consequência desse tardio investimento chinês tentando espalhar sua cultura pelo mundo, pouco se sabe que a criação de um grande projeto de investimento em infraestrutura e desenvolvimento mundial não é algo que surgiu da Era Xi Jinping, mas ele é apenas o líder e está se encarregando de concretizar essa iniciativa. Zhao Tingyang (2011), um grande estudioso chinês, relembra os princípios da política interna chinesa da teoria do Céu para Todos (All-under-the-heaven), princípios esses que Xi mostra em seus discursos e usa em sua diplomacia para a política externa. Os conceitos para criação do céu para todos foram baseadas nas ideias confucionistas, extremamente populares na China desde 500 a.C, quando viveu Confúcio. Para a teoria, o céu significava seguir uma linha de estratégias para a criação de um sistema de união e prosperidade, pregando a paz e o desenvolvimento popular. Para que funcionasse, seria necessário que todos os povos da China Antiga fossem adeptos a esses valores pregados. De acordo com a teoria, seria necessário criar um novo sistema onde todas os povos estariam interligados e alinhados e todos trabalhariam em busca de um desenvolvimento igual e geral. Para isso, teríamos um poder central que seria responsável por manter a ordem, um imperador, que teria que merecer comandar todos os povos, pois é aquele que melhor entende dos ideais do céu para todos, tendo seu valor comprovado por seus atos em prol de garantir a harmonia global, e ele seria conhecido como o Filho do Céu (son of the heaven). Zhao Tingyang (2011), afirma que a teoria confucionista que serviria para a dominação do poder central a todos os povos da China, seria a política ideal que deveria ser levada para todo o mundo. Com o império chinês formado e consolidado, o imperador chinês, deveria usar seu modelo de governo e expandir para todo o mundo para dar oportunidade a todos de viver o Céu para Todos. Zhao explica que o imperialismo chinês não possui nenhuma semelhança com o imperialismo ocidental praticado durante a história pelas potências europeias e os Estados Unidos, pois os países só iriam aderir se tivessem interesse e não teriam que abdicar de seus direitos ou reaprender uma nova cultura abdicando de sua própria. Todas as nações seriam bem vindas, desde que obedecessem ao poder do imperador, que poderia ser nativo de qualquer país membro, desde que provasse com seus atos ser o Filho do Céu (TINGYANG, 2011).

A partir dessa teoria, conseguimos encontrar diversas semelhanças com o projeto da Nova Rota da Seda e o líder encarregado de dar prosseguimento a mesma, Xi Jinping. Os

ideais de desenvolvimento mútuo em busca da paz e prosperidade para todos os povos, tendo a China como responsável por iniciar esse movimento. O projeto é aberto para todos os Estados, e nenhum deles precisa abrir mão de sua soberania para participar do mesmo, e seus benefícios são de mão dupla. Porém, os ideais do céu para todos são com certeza muito complexos para o mundo que vivemos hoje, assim como Tingyang (2011, tradução nossa) disse: “Como em qualquer ideologia ou teoria, ela enfrenta implicações práticas que obstruem a aquisição da sociedade utópica. No entanto, fornece uma visão dos fundamentos filosóficos de um império”. A partir disso, conseguimos entender melhor quais ideais a China e Xi Jinping levam com seus projetos da Nova Rota da Seda, mostrando que seu objetivo nada mais é que atingir um desenvolvimento global que seria, em teoria, benéfico para todos.

O que fica claro é que o projeto da China é extremamente sério, como se espera de algo vindo da segunda maior economia do mundo. Porém, o seu futuro é incerto, quando se lida com fatores fora de seu controle, como o cenário internacional, onde coisas tão importantes como a nova rota vem acontecendo, é instável e incerto, não sendo possível fazer precisões de longo prazo. Vimos durante a história que os chineses tiveram fortes dificuldades com países ocidentais como ainda tem hoje. Com tudo isso, não se tem uma certeza de quais serão os próximos passos da China, nem quão impactante será a guerra comercial que vive com os Estado Unidos para o projeto, o que abre precedentes para que nós não tentemos prever os próximos anos.

4 TEORIA NEORREALISTA

A proposta nesse capítulo é mostrar a visão de autores neorrealistas, usando como autor principal John Mearsheimer e sua análise sobre o futuro do sistema internacional, e aplicar esse ponto de vista com os recentes acontecimentos e propostas da Nova Rota da Seda. A previsão neorrealista tende a ser mais pessimista em relação a uma cooperação global, e não acredita que os países seriam capazes de abrir mão de suas soberanias em prol de um mundo mais globalizado, o que em resumo seria a proposta do projeto Chinês. Iremos analisar a relação da gigante asiática com os Estados Unidos, mostrando também a visão da mídia ocidental perante os passos dados pela China.

4.1 REALISMO OFENSIVO

O autor central desta seção, John J. Mearsheimer, escreveu em 2001 a primeira edição do seu livro “A Tragédia da Política das Grandes Potências”, livro onde o autor debate, utilizando a teoria do realismo ofensivo, os fatos históricos do sistema internacional e como tudo aconteceu. Para o autor, era claro que os embates entre as potências que ocorreram no passar da história aconteceriam, pelo puro e simples fato de as potências, que exerciam sua forte influência para ditar o ritmo do sistema, vivem um eterno jogo de riqueza e poder. Todas as relações entre os Estados e organizações são um grande jogo de interesses, em uma sociedade anárquica onde o maior interesse do Estado é sua soberania para manter a segurança de sua nação. Portanto, para Mearsheimer, conforme a teoria do realismo ofensivo, os Estados entram em uma busca insaciável por poder, quando conseguem querem mais, saindo de suas zonas de influência para tentar conquistar outras, criando-se assim um ambiente de atores que traçam suas estratégias para sobreviver, com as grandes potências lutando para impedir que nenhum Estado se sobressaia e tente exercer sua força, e ao mesmo tempo para manter sua zona de influência sob controle. No decorrer de seu livro, evidencia todas suas afirmações com fatos históricos, para provar que seu argumento são fruto do que se pode observar dos atores nas relações internacionais até então.

Contanto, em 2001, Mearsheimer não conseguiu fazer uma análise completa de como a China, uma potência emergente, seria uma forte candidata a ser um dos atores que iriam desequilibrar o sistema internacional. Por esse motivo, o autor se empenhou em fazer uma atualização em seu livro, e escrever mais um capítulo da tragédia das grandes potências, buscando responder “Conseguiria a China Ascender pacificamente? ”, afirmando que o

capítulo seria de extrema importância, pois provavelmente seria o tema que dominaria as relações internacionais no século 21.

Uma das grandes premissas do realismo ofensivo de Mearsheimer (2014), é que no sistema internacional atual não existe nenhuma hegemonia global, algo que para ele seria utópico, levando em consideração a dificuldade de se manter uma forte dominação em locais longe de seu território e zona de forte influência. Com isso, o maior poder alcançável para as potências é a hegemonia regional, que tem os Estados Unidos como único detentor deste título, sendo o país que consegue exercer seu poder em sua região sem interferência ou resistência dos países que a compõe. Partindo deste princípio, a forma de se obter maior controle sobre o mundo é mantendo as ameaças fora de seu domínio e, o mais importante, impedir que outras hegemonias regionais possam vir a surgir.

Com o projeto da Nova Rota da Seda e a ascensão econômica nos últimos anos, a China se tornou a potência que seria a futura hegemonia regional que precisa ser impedida. Para Mearsheimer (2014), o avanço chinês iniciaria pela Ásia e os países mais fracos, para criar uma forte identidade chinesa na região, que é o que estamos vendo hoje com o projeto da nova rota, porém a China faria isso de forma pacífica até o ponto que os países aceitassem, mas, se houvesse resistência, segundo a visão de Meshaimer, a China agiria como agiram as outras potências no decorrer da história, fazendo uso da força bruta. O autor afirma que essa é a abordagem tomada pelos Estados Unidos após libertar-se do colonialismo britânico, de usar do imperialismo para dominar os territórios vizinhos, e que só seria sensato pensar que a China ascenderia da mesma forma.

“Porque deveríamos esperar que a China aja de forma diferente da dos Estados Unidos? Os chineses têm mais princípios que nós? São mais éticos? Eles são menos nacionalistas? Menos preocupados com sua sobrevivência? É claro que eles não são nenhum dos citados acima, e esse é o motivo de que a China provavelmente vai usar a lógica básica realista e tentar se tornar a hegemonia regional na Ásia.”
(MEARSHEIMER, 2014, tradução nossa)

Então, observamos os chineses como uma potência em ascensão, tentando se tornar a hegemonia regional da Ásia usando seus projetos para consolidar sua influência na região, sem necessidade de usar a força bruta até então. Por esse motivo, a hegemonia regional consolidada, os Estados Unidos, deve conter essa crescente potência, pois, compreende-se que o ganho de influência chinês vai torná-los fortes o suficiente para fazer o uso da força bruta militar ao encontrar barreiras para avançar com seu projeto. Desta forma, a estratégia correta, de acordo com o realismo ofensivo, é de que o Estado não deve tentar interferir diretamente

com sua força e correr o risco de acarretar em uma guerra em um território desfavorável, considerando a distância geográfica entre Estados Unidos e China, gerando muitos gastos e estruturas para manter, lutando contra grandes potências militares. Portanto, a forma de se conter essa potência que está desequilibrando o sistema de uma região, é apoiando outras fortes potências também presentes na mesma, como Índia, Japão, Emirados Árabes Unidos e entre outros. Desta maneira, a hegemonia regional consolidada não precisa interferir diretamente na outra região, evitando todos os riscos e deixando a região equilibrada, mantendo a potência em ascensão longe de sua zona de influência (MEARSHEIMER, 2001).

Posto o cenário, de acordo com o autor realista, devemos esperar que a hegemonia regional consolidada, os Estados Unidos, busque uma forte aproximação a seus parceiros na Ásia nos próximos anos, percebendo o crescimento do projeto da Nova Rota da Seda, com objetivo de conter o aumento da zona de influência chinesa. Ao se sentir ameaçada em sua região, a China pode buscar romper essas barreiras criadas pelas potências em sua zona de influência, o que irá criar um cenário de instabilidade e atrito entre os países asiáticos. Para Mearsheimer, esse atrito criado entre os Estados pode levar a China a usar seu poderio militar para consolidar seus interesses, o que então traria os Estados Unidos para o conflito, podendo gerar uma guerra de grandes proporções (MEARSHEIMER, 2001).

4.2 A RELAÇÃO CHINA E ESTADOS UNIDOS PÓS XI JINPING

O projeto da Nova Rota da Seda foi lançado logo após Xi Jinping assumir a frente do Partido Comunista Chinês, em 2012. Nesta mesma época, era reeleito nos Estados Unidos o presidente Barack Obama. A relação entre os dois países na época era muito positiva, apesar de algumas controvérsias políticas, também por isso vimos uma China tão confiante em seus passos e se sentido confortável o suficiente para lançar uma proposta tão robusta em 2013. O objetivo do governo do Obama era aproximar-se economicamente da China, buscando seus investimentos e o grande desenvolvimento que o país vive, principalmente após a crise de 2008. Christensen (2015), em seu artigo escrito para o Foreign Affairs, exalta que a recuperação da China da crise foi muito mais positiva que a dos Estados Unidos, o que deixou os chineses muito confiantes. As duas potências passaram por problemas e incertezas no âmbito interno, porém, por ser um governo muito mais rígido, a China conseguiu se sair melhor e por isso obteve todas suas conquistas com o projeto da nova rota sem a interferência dos Estados Unidos durante os primeiros anos de execução.

Com as eleições nos Estados Unidos se aproximando, em 2015, o crescimento chinês já incomodava e muito os americanos. A nova postura da China com Xi Jinping, resgatando os valores de Mao e assegurando uma maior e mais forte soberania chinesa, ia diretamente em confronto com o que o governo do Obama tentava cultivar. Em uma visita do presidente chinês aos Estados Unidos, em setembro de 2015, Barack Obama discursou e deixou claro quais eram suas intenções com a China e exaltou suas conquistas:

“Desde que assumi o cargo, as exportações americanas para a China quase dobraram e agora suportam quase um milhão de empregos americanos. O investimento chinês nos Estados Unidos ajuda a apoiar empregos em todo o país. (...) maior prosperidade e maior segurança - é isso que a cooperação americana e chinesa pode oferecer. É por isso que quero dizer novamente que os Estados Unidos acolhem com agrado a ascensão de uma China pacífica, estável, próspera e um participante responsável nos assuntos globais. E estou comprometido em expandir nossa cooperação, mesmo quando abordamos discordâncias de maneira franca e construtiva.” (BARACK OBAMA, 2015, tradução nossa)

O presidente americano também deixou claro seu posicionamento em relação a segurança das empresas americanas, afirmando que colocará sempre à frente o bem-estar de sua nação e seus empresários, após diversas companhias estadunidenses afirmarem que os chineses estavam praticando cyber-espionagem e roubando propriedade intelectual, Barack Obama precisou abordar o tema em sua reunião particular com o presidente Xi e depois declarou:

“Eu levantei mais uma vez nossas preocupações muito sérias sobre o aumento de ameaças cibernéticas para empresas e cidadãos americanos. Eu indiquei que tem que parar. O governo dos Estados Unidos não se envolve em espionagem cibernética para obter ganhos comerciais.” (BARACK OBAMA, 2015, tradução nossa)

Além disso, evidenciou sua preocupação com a segurança na região Ásia-Pacífico, onde os Estados Unidos têm forte influência, mas a China, pela proximidade de seu território à região, tem mostrado disposta a defender seus interesses, limitando a ação americana.

O presidente chinês, por outro lado, exaltou que todos os passos que deu foram em favor de uma cooperação pacífica e de benefícios mútuos. Afirmou que, em outras palavras, a China seria responsável pelo desenvolvimento do sistema internacional, mas sem a intenção de alterar a ordem mundial que havia sido estabelecida, usando o projeto da Nova Rota da Seda como um exemplo da concretização de sua fala:

A China é o atual construtor, colaborador, desenvolvedor e participante do sistema internacional e também beneficiário. Estamos dispostos a trabalhar com todos os outros países para defender firmemente os frutos da vitória da Segunda Guerra Mundial, e o sistema internacional existente, centrado na - e ao mesmo tempo,

promovê-los a desenvolver uma direção mais justa e equitativa. (...) A China levantou a iniciativa da Nova Rota da Seda e propôs a criação do AIIB, etc. Todos os seus objetivos são expandir a cooperação mútua e benéfica com outros países e realizar um desenvolvimento comum. Essas iniciativas são abertas, transparentes e inclusivas. Eles são consistentes em atender aos interesses dos EUA e de outros países. E convidamos - os EUA e outras partes - para participar ativamente deles. (XI JINPING, 2015, tradução nossa)

Se consegue analisar, pela fala dos dois presidentes, que o objetivo de seus discursos é de defender seus interesses, apesar de aparente cordialidade, mais do que promover uma cooperação entre as nações. A China quer conseguir avançar com seus projetos sem que os Estados Unidos tentem interferir de qualquer maneira, mesmo que para isso tenha que abrir concessões para os americanos terem maiores benefícios. Já os Estados Unidos querem garantir que nada fuja de seu controle, e apesar da distância geográfica quer manter sua zona de influência forte na região, mesmo que para isso seja necessário conceber acordos econômicos desfavoráveis com os chineses.

Contudo, fica claro que os americanos não estavam satisfeitos com a situação, por estarem acostumados a serem eles a ditar como o sistema internacional deveria seguir, desde o final da Guerra Fria. Um cenário de cooperação e paz traria o risco de permitir a ascensão de uma hegemonia regional chinesa na Ásia, possibilidade que não foi bem aceita pelos americanos. Podemos identificar isso através da mídia, observando opiniões como as de Orville Schell, que escreve para o *The New York Times*:

“Deveríamos reafirmar da maneira mais pública possível que, apesar de acolhermos a “ascensão” da China, não acomodaremos alegações irracionais em todo o mundo e, se necessário, estaremos preparados para uma estratégia de “contenção” usada pelas democracias ocidentais contra o bloco comunista durante a Guerra Fria.” (SCHELL, 2015, tradução nossa)

Schell mostra-se preocupado com a fraca postura do governo com a crescente ameaça de uma potência asiática. Esse sentimento fica ainda mais evidenciado no artigo escrito pelo *The Washington Post* (2015), com o título afirmando que chegou a hora de ser duro com a China e o presidente Xi:

“Pequim está literalmente preparando o caminho para o uso da força para promover sua reivindicação indefensável de águas consideradas territoriais por vários outros países, incluindo o Japão e as Filipinas. Como os protestos verbais dos EUA e os pedidos de negociação falharam em impedir o comportamento da China, outras medidas, incluindo sanções, devem ser consideradas. Obama deve punir a aparente convicção de Xi de que seu projeto não levará nada além da retórica dos Estados Unidos.” (IT’S TIME, 2015, tradução nossa)

Com isso, cresce um sentimento no povo americano de que a China precisa ser parada, porém, menos de 6 meses antes de deixar o cargo, sabiam que Obama não seria o responsável por virar o jogo contra a gigante asiática. Portanto, uma atitude forte em relação aos chineses já era esperada dos candidatos que poderiam vir a assumir a presidência em 2016. Thomas J. Christensen, escreve para o *Foreign Affairs*:

“A China emergiu da crise financeira global arrogante no cenário internacional, mas insegura em casa, uma combinação tóxica que tornou o gerenciamento das relações com ela ainda mais difícil do que o habitual (...) O próximo governo enfrentará o duplo desafio e precisará aproveitar as realizações de seu antecessor e aprender com seus sucessos e fracassos.” (CHRISTENSEN, 2015, tradução nossa)

Já mostrando uma preocupação em relação a como seria resolvido esses assuntos que ficaram pendentes com a China, assim como uma esperança de que o novo candidato traria uma mudança na postura do governo com os chineses.

As eleições do novo presidente dos Estados Unidos prometiam estar rodeadas do assunto China, porém outros diversos assuntos controversos também eram debatidos sobre a política interna e externa americana. Assim como vimos um pedido por parte dos americanos por uma mudança de postura do governo com a China, dentre todos os candidatos, o que trouxe mais propostas disruptivas, protecionistas e rígidas para âmbito externo e interno foi o que obteve maior sucesso em seus discursos. Com isso, depois de uma eleição conturbada e controversa, Donald Trump assume o cargo de presidente dos Estados Unidos.

Toda a política construída pelo governo anterior e o pensamento de que a melhor saída para os americanos era que a China prosperasse, para que os acordos bilaterais entre os países se tornassem mais fortes, culminando em um desenvolvimento mútuo, foi esquecida e uma nova postura foi adotada. Os primeiros anos da administração do presidente serviram para que assuntos internos e seu posicionamento quanto a política externa ficasse claro para todos. Trump adotou para os Estados Unidos o modelo diplomático que ficou conhecido como *America First* (América primeiro), onde a política externa americana passou a ter como foco na proteção de sua economia e sua nação, mesmo que isso significasse se fechar para o mundo, como diz reportagem do *The Economist* (THE NEW, 2016), descrevendo a política como “O novo nacionalismo”.

Donald Trump começou então a projetar sua nova política para o mundo, tendo como seus principais pilares um forte nacionalismo americano, unilateralismo, protecionismo e isolacionismo. Como forma de mostrar sua nova postura para o mundo, e para o povo americano também, o presidente precisou mostrar-se forte quanto sua relação com a China.

David Dollar, Ryan Hass e Jeffrey A. Badder (2019), em um artigo escrito para o Brookings, fazem uma análise do início das tensões entre os Estados Unidos e a China com a nova administração estadunidense. Eles afirmam que, para justificar as medidas que gostaria de tomar contra a China, Trump usou do grande déficit na balança comercial que há entre os dois países, favorecendo consideravelmente os chineses. Porém, os autores apontam que a questão sobre a balança comercial entre os dois países não era tão simples quanto meramente os números apontados pelo presidente e sua afirmativa de que a China agia de má fé.

“Estados Unidos fizeram um grande caso sobre seu déficit comercial com a China. A China tem um grande superávit bilateral com os Estados Unidos, porque importa petróleo e matérias-primas do mundo em desenvolvimento e exporta bens manufaturados para os Estados Unidos. Não está claro que haja muito o que a China possa fazer para reduzir significativamente o déficit dos EUA, especialmente devido ao estímulo fiscal nos Estados Unidos que está levando a déficits crescentes com todos os parceiros.” (DOLLAR, HASS E BADDER, 2019, tradução nossa)

De qualquer maneira, o presidente americano lançou uma campanha contra a China afirmando que toda a relação econômica que foi construída durante anos com os chineses beneficiou apenas um lado, e que os Estados Unidos saíram prejudicados e precisariam ser compensados. De forma extremamente desorganizada e desconexa, o presidente inicia em 2018 um aumento às tarifas sob os produtos chineses, sem deixar claro se sua real intenção era diminuir o déficit da balança, se desprender dos produtos chineses de forma a cortar a dependência criada ou de tentar frear a crescente ascensão chinesa como potência global. Graças a essas medidas, o sistema internacional entrou em um período de incertezas e insegurança, criando o que ficou conhecido como guerra comercial entre os Estados Unidos e China, que, gerou mais tumulto no cenário internacional do que resultados concretos para os americanos. A inconsistência e o fracasso da diplomacia econômica dos EUA em relação à China, até então, decorrem em parte da falta de consenso sobre os objetivos, portanto para que os resultados possam aparecer, a administração do governo Trump precisa traçar melhor suas ações (DOLLAR, HASS E BADDER, 2019). A economista Gita Gopinath (2019) escreve para o Blog do Fundo Monetário Internacional (FMI) e afirmou que essa tensão entre os dois países causou o que ficou conhecido como ‘desaceleração sincronizada’ da economia mundial, diminuindo o crescimento esperado para 2019 e conseqüentemente para os anos seguintes.

Como vimos, impacto causado por um embate econômico e político entre as duas potências pode ser sentido em todo o globo, mostrando que uma posição diplomática diferente de um governante desses países pode mudar o cenário internacional. Não se espera que os

Estados Unidos continuem com essa guerra comercial com a China, devido a situação da política interna americana e a pressão externa devido aos danos já causados pela mesma. Contudo, essa situação vai corroborando o cenário proposto por Mearsheimer, onde já vemos um conflito entre a hegemonia consolidada e a potência em ascensão, portanto, agora resta saber como a guerra comercial pode impactar o projeto da nova rota da seda nos próximos anos.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se analisar como se deu a ascensão chinesa, compreendendo seu processo de desenvolvimento através da história, com objetivo de entendermos em que ponto a China estava ao propor o projeto da Nova Rota da Seda, bem como, quais são os objetivos da iniciativa e as possíveis consequências da mesma, usando o ponto de vista das teorias de relações internacionais chinesas e neorrealista.

Ao observarmos a história chinesa no primeiro capítulo, vemos um período de forte influência da China sobre todo o mundo, com seus produtos manufaturados e riqueza de matéria prima, sendo uma das únicas nações que conseguiam efetivamente explorar essas atribuições. Percebemos que a cultura chinesa ainda é preservada depois de milhares de anos, tendo seus valores e ideologias pregados por seus imperadores durante a história, mesmo que com diferentes interpretações. Porém, com a evolução do militarismo ocidental, enxergamos que praticamente todas as potências ocidentais que ascenderam, perceberam o potencial da China e de sua região, e assim focaram em explorar suas riquezas de recursos, produtos manufaturados e pessoas, por possuir um enorme mercado consumido. Por esse motivo, entendemos que a interferência externa foi extremamente danosa, e perdurou por grande parte do seu processo de desenvolvimento, com os chineses conseguindo se desvincular das potências ocidentais e conseguir sua independência apenas depois da Segunda Guerra Mundial, tentando retomar a cultura milenar que deixou para trás. Para isso, grandes e imponentes regimes políticos foram instaurados, regidos por fortes líderes, moldando a China.

Com a história da China examinada, fica contextualizado o cenário onde o atual líder chinês, Xi Jinping, assume a liderança do país. A nova política externa chinesa é instaurada, a partir do projeto da Nova Rota da Seda e dos pensamentos de Xi, vemos que a China vive uma nova era, buscando se desvincular das políticas isolacionistas em busca de uma maior influência mundial em forma de infraestrutura e desenvolvimento dos seus canais de comércio, a personalidade do líder chinês vira o roteiro da nova diplomacia do país. Com um início melhor que o programado, os investimentos no projeto aumentam, mais países e organizações aderem à iniciativa, com isso, as previsões feitas pela China mostram o país em uma posição extremamente favorável no sistema internacional com finalização da Nova Rota da Seda, programado para 2049.

Contudo, a partir da teoria neorrealista, observamos que uma China ascendendo no cenário internacional pode encontrar barreiras impostas pelas potências que não tem interesse no seu ganho de influência, tendo como principal ator os Estados Unidos, por ser considerado,

pelos neorrealistas, a única hegemonia regional do mundo atualmente. Com um crescimento chinês sem um controle dos americanos, estariam colocando em jogo toda sua influência na Ásia, com o nascimento de uma hegemonia regional chinesa. As especulações de Mearsheimer são validadas pelo o que observamos hoje, a guerra comercial instaurada entre Estados Unidos e China. Com isso, vemos que Xi Jinping já tem problemas com os americanos atualmente, 30 anos antes de finalizar o projeto da Nova Rota da Seda, que existe a apenas 6 anos, o que mostra que muito ainda pode acontecer entre os dois países. Para os neorrealistas, o futuro mais provável será de uma China forte e imponente, que usará de todos os meios para conseguir o que quer, tendo os Estados Unidos como ator encarregado de retomar o equilíbrio no sistema, através de estratégias diplomáticas com seus parceiros na Ásia e a grande influência trazida por seu forte poderio militar.

Por um lado, temos a teoria das relações internacionais chinesas, onde vemos a ascensão da China como uma proposta de desenvolvimento mundial de forma pacífica e harmônica para todos no sistema internacional, onde os Estados e organizações devem aderir as iniciativas chinesas para fazer parte desse projeto, tendo como consolidação de seu discurso a Nova Rota da Seda. Por outro lado, temos a teoria neorrealista, que vê a China com objetivos imperialistas na região da Ásia, assim como vimos acontecer durante a história, usando seus projetos com objetivo de aumentar sua influência e tornar-se mais poderosa, buscando ser a nova hegemonia regional no mundo. Por esse motivo, os Estados Unidos vão tentar impedir um avanço chinês, o que pode gerar conflitos entre os países e seus parceiros. Atualmente já observamos atritos entre as duas potências com a guerra comercial instaurada em 2018.

Deixamos as reflexões das teorias como resultado, para gerar maiores debates nos estudos sobre as Relações Internacionais sobre o novo projeto da Nova Rota da Seda e a ascensão da China no mundo, de forma a colaborar com as previsões de como se encontrará o sistema internacional futuramente.

6 REFERÊNCIAS

BECKER, Jasper. A utopian nightmare. **The Spectator**, 2012.

BECKER, Jasper. **The Chinese**. [s.l.]: Oxford, 2002.

BEECHING, Jack. The Chinese Opium Wars. 1 ed. [s.l.]: Houghton Mifflin, 1975.

BELT & ROAD NEWS. 10 Amazing Belt and Road Initiative Projects. **Belt and road**, 2019. Disponível em: <https://www.beltandroad.news/2019/04/06/10-amazing-belt-and-road-initiative-projects/>. Acesso em: 4 out. 2019.

BELT and Road Initiative. **Worldbank**, 2018. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/topic/regional-integration/brief/belt-and-road-initiative>. Acesso em: 6 ago. 2019.

BRANDT, Loren *et al.* China's Great Transformation. *In*: BRANDT, Loren; RAWSKI, G. Thomas (ed.). **China's Great Transformation**. Cambridge: Cambridge university press, 2008.

BREGOLAT, Eugenio. TVE in Tiananmen. **La Vanguardia**, 2007. Disponível em: https://archive.is/20090625051206/http://www.lavanguardia.es/premium/publica/publica?COMPID=51357369255&ID_PAGINA=3746&ID_FORMATO=9&turbourl=false. Acesso em: 25 set. 2019.

BRITANNICA. Qing dynasty: Chinese history. **Britannica**, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Qing-dynasty>. Acesso em: 2 out. 2019.

BROOK, Timothy. **Quelling the People**: The Military Suppression of the Beijing Democracy Movement. Stanford: Stanford University Press, 1998.

BROOK, Timothy; TADASHI, Bob. (ed.). **Opium Regimes**: China, Britain, and Japan, 1839-1952. 1 ed. [s.l.]: University of California Press, 2000. Disponível em: <https://www.ucpress.edu/book/9780520222366/opium-regimes>. Acesso em: 24 ago. 2019.

CAEIRO, António. **Pela China Dentro**. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

CAEIRO, António. **Pela China Dentro: Uma viagem de 12 anos**. São Paulo: Dom Quixote, 2004. 302 p.

CHINA, Kazakhstan strengthen economic cooperation via Belt and Road. **Chinadaily**, 2017. Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/world/2017xivisitskazakhstan/2017-06/08/content_29673034.htm. Acesso em: 1 nov. 2019.

CHINA. "Belt and Road" incorporated into CPC Constitution. **Xinhuanet**, 2017. Disponível em: http://www.xinhuanet.com//english/2017-10/24/c_136702025.htm. Acesso em: 4 out. 2019.

CHINA. China unveils action plan on Belt and Road Initiative. **Gov.cn**, 2015. Disponível em: http://english.www.gov.cn/news/top_news/2015/03/28/content_281475079055789.htm. Acesso em: 2 nov. 2019.

CHINA. Chronology of China's Belt and Road Initiative. **Gov.cn**, 2015. Disponível em: http://english.www.gov.cn/news/top_news/2015/04/20/content_281475092566326.htm. Acesso em: 29 set. 2019.

CHINESE Civil War. **New world encyclopedia**, 2009. Disponível em: https://www.newworldencyclopedia.org/entry/Chinese_Civil_War#cite_ref-30. Acesso em: 2 out. 2019.

CHRIESTENSEN, Thomas J. Obama and Asia: Confronting the China Challenge. **Foreign Affairs**, 2015. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/asia/obama-and-asia>. Acesso em: 6 out. 2019.

CHUNG-YAM, P. O. **Conceptualizing the Blue Frontier: The Great Qing and the Maritime World in the Long Eighteenth Century**. 2013. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia da Universidade Ruprecht-Karls-Heidelberg, Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, [s.l.], 2013. Disponível em: http://archiv.ub.uni-heidelberg.de/volltextserver/18877/1/PhD_Dissertation_CyPO.pdf. Acesso em: 26 out. 2019.

DESJARDINS, Jeff. 2,000 years of economic history in one chart. **Visual Capitalist**, 2017. Disponível em: <https://www.visualcapitalist.com/2000-years-economic-history-one-chart/>. Acesso em: 09 Set. 2019.

DIKÖTTER, Frank. Mao's Great Leap to Famine. **The New York Times**, 2010.

DOLLAR, David; HASS, Ryan; BADER, Jeffrey A. Assessing U.S.-China relations 2 years into the Trump presidency. **Brookings**, 2019. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2019/01/15/assessing-u-s-china-relations-2-years-into-the-trump-presidency/>. Acesso em: 2 out. 2019.

DREYER, Edward L. **Zheng He: China and the Ocean in the Early Ming Dynasty, 1405–1433**. New York: Pearson Education Inc, 2007.

ELLEMAN, Bruce A. **Modern Chinese Warfare, 1795-1989**. [s.l.]: Routledge, 2001.

FAISON, Seth. DENG XIAOPING IS DEAD AT 92; ARCHITECT OF MODERN CHINA. **The New York Times**, 1997. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1997/02/20/world/deng-xiaoping-is-dead-at-92-architect-of-modern-china.html>. Acesso em: 2 out. 2019.

FAY, Peter Ward. **Opium War: 1840-1842**. [s.l.]: The University of North Carolina Press, 1998.

FERRIS, John; MAWDSLEY, Evan. **The Cambridge History of the Second World War: Fighting the War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. 1. v.

GAN, Fuxi; BRILL, Robert; SHOUYUN, T. **Ancient Glass Research Along the Silk Road**. [s.l.]: World Scientific, 2009.

GAO, Mobo. **The Battle for China's Past: Mao and the Cultural Revolution**. London: Pluto Press, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas S.A, 2002. Disponível em: http://www.urca.br/itec/images/pdfs/modulo%20v%20-%20como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 21 abr. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S.A, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2019.

GITTINGS, J. **The Changing Face of China: From Mao to Market**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOBSON, John M. **The Eastern Origins of Western Civilisation**. Londres: Cambridge University Press, 2004.

HOLLINGSWORTH, Julia. **‘Belt and Road’ for kids: Are these videos China’s latest bid to win over young Western generation?** Disponível em: <https://www.scmp.com/news/china/society/article/2094080/belt-and-road-kids-are-these-videos-chinas-latest-bid-win-over>. Acesso em: 25 out. 2019.

HOTTA, E. **Pan-Asianism and Japan's War 1931-1945**. Londres: Palgrave Macmillan, 2007.

HUANG, Zheping. China is rewriting textbooks so its “eight-year war of resistance” against Japan is now six years longer. **Quartz**, 2017. Disponível em: <https://qz.com/881785/china-is-rewriting-textbooks-so-its-eight-year-war-of-resistance-against-japan-is-now-six-years-longer/>. Acesso em: 6 set. 2019.

HUIJAO, Wang. Enhance BRI to boost world economic growth. **Chinadaily**, 2019. Disponível em: <http://www.chinadaily.com.cn/a/201904/26/WS5cc24e87a3104842260b86ed.html>. Acesso em: 6 out. 2019.

HUNT, Michael. **The world transformed: 1945 to the present**. [s.l.]: Bedford, 2003.

IN QUOTES: Deng Xiaoping. **Chinadaily**, 2014. Disponível em: https://www.chinadaily.com.cn/china/2014-08/20/content_18453523.htm Acesso em: 09 Set. 2019.

KARL, Rebecca E. **Mao Zedong and China in the Twentieth-Century World: A Concise History**. Estados Unidos: Duke University Press, 2010.

KISSINGER, Henry. **On China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KNIGHT, John. **The man who re-invented China. Origins**, 2012. Resenha. Disponível em: <https://origins.osu.edu/review/man-who-re-invented-china>. Acesso em: 23 set. 2019.

- KUHN, Robert Lawrence. Xi Jinping, a nationalist and a reformer. **SCMP**, 2013. Disponível em: <https://www.scmp.com/comment/insight-opinion/article/1254093/xi-jinping-nationalist-and-reformer>. Acesso em: 29 set. 2019.
- KUISONG, Yang. Reconsidering the Campaign to Suppress Counterrevolutionaries. **The China Quarterly**, Cambridge, v. 193, n. 193, p. 102–121, 2008.
- LAYTON, Thomas N. **The Voyage of the 'Frolic'**: New England Merchants and the Opium Trade. [s.l.]: Stanford University Press, 1977.
- LEESE, Daniel. Mao the Man and Mao the Icon. In: *CHEEK, Timothy (ed.). A Critical Introduction to Mao*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LUSA. Agência oficial chinesa Xinhua lançou portal em português. **Diário de notícias**, 2016. Disponível em: <https://www.dn.pt/media/agencia-oficial-chinesa-xinhua-lancou-portal-em-portugues-5322959.html>. Acesso em: 2 set. 2019.
- MACFARQUHAR, Roderick; SCHOENHALS, Michael. **Mao's Last Revolution**. Cambridge: Harvard University Press, 2006.
- MCKENZIE, Baker. Unlocking the Belt and Road. **Lexology**, 2019 Disponível em: <https://www.lexology.com/library/detail.aspx?g=527223c9-9afd-4302-b48e-eff66c86bcf0>. Acesso em 29 set. 2019.
- MEARSHEIMER, John J. **The Tragedy of Great Power Politics**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2014. 561 p. Updated Version.
- MICHAEL, Franz; CHANG, Chung-li. **The Taiping Rebellion: History and Documents**. Seattle: University of Washington Press, Seattle, 1966. 1. v.
- MILLER, Alice. The 19th Central Committee Politburo. **China Leadership Monitor**, [s.l.], n. 55, 2018. Disponível em: <https://www.hoover.org/sites/default/files/research/docs/clm55-am-final.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.
- MITTER, Rana. **Forgotten Ally: China's World War II, 1937–1945**. [s.l.]: Mariner Books, 2014.
- MOORE, Malcolm. Xi Jinping calls for a 'Chinese Dream'. **Telegraph**, 2013. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/china/9935609/Xi-Jinping-calls-for-a-Chinese-Dream.html>. Acesso em: 29 set. 2019.
- NAUGHTON, Barry *et al.* A Political Economy of China's Economic Transition. In: BRANDT, Loren; RAWSKI, G. Thomas (ed.). **China's Great Transformation**. Cambridge: Cambridge university press, 2008.
- OKSENBERG, Michel; SULLIVAN, Lawrence R.; LAMBERT, Marc (ed.). **Beijing Spring, 1989: Confrontation and Conflict – The Basic Documents**. [s.l.]: Routledge, 1990.
- PAINE, S. C. M. **The Wars for Asia: 1911–1949**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012

PAN, Philip P. **Out of Mao's Shadow: The Struggle for the Soul of a New China.** [s.l.]: Simon and Schuster, 2008.

PERLROTH, Nicole. The Most Powerful People On Earth. **Forbes**, 2010. Disponível em: <https://www.forbes.com/2010/11/01/obama-china-power-opinions-powerful-people-10-intro.html#394d78283755>. Acesso em: 26 set. 2019.

PETRA, James. **China: Rise, Fall and Re-Emergence as a Global Power.** **Global Research**, 2012. Disponível em: <https://www.globalresearch.ca/china-rise-fall-and-re-emergence-as-a-global-power-2/29644>. Acesso em: 2 out. 2019.

PROPERTY prices in China set to halve. **Irish times**, 2009. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/business/property-prices-in-china-set-to-halve-1.744575>. Acesso em: 26 set. 2019.

RUMMEL, R. J. **China's Bloody Century: genocide and mass murder since 1900.** [S.l.:s.n], 2002.

SCISSORS, Derek. Deng Undone: The Costs of Halting Market Reform in China. **Foreign Affairs**, [s.l.], v. 88, n. 3, p. 24-39, 2009. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/20699561?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 26 set. 2019.

SHALOM, Stephen Roskamm. **Deaths in China Due to Communism: Propaganda Versus Reality.** Arizona: Center for Asian Studies Arizona State University, 1984.

SHCHELL, Orville. Can the U.S. and China Get Along?. **The New York Times**, 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/07/10/opinion/can-the-us-and-china-get-along.html>. Acesso em: 2 out. 2019.

SHORT, Philip. **Mao: a life.** [s.l.]: John Murray Pubs, 2004.

SPENCE, Jonathan D. **The Search for Modern China.** New York: Norton, 1999.

SPENCE, Jonathan. **Mao Zedong: A Life.** [s.l.]: Penguin Books, 2006.

THE NEW nationalism. **The Economist**, 2016. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2016/11/19/the-new-nationalism>. Acesso em: 2 out. 2019.

THE NEWSWEEK 50: chinese president hu jintao. **Newsweek**, 2008. Disponível em: <https://www.newsweek.com/newsweek-50-chinese-president-hu-jintao-83121>. Acesso em: 26 set. 2019.

THE POST'S view it's time to get tough on china and president Xi. **The Washington Post**, 2015. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/getting-tough-on-china-and-president-xi/2015/09/23/37e2d25c-615f-11e5-9757-e49273f05f65_story.html. Acesso em: 2 out. 2019.

THOMPSON, Larry Clinton. **William Scott Ament and the Boxer Rebellion: Heroism, Hubris, and the Ideal Missionary,** Jefferson, NC: McFarland and Co., 2009.

TIEZZI, Shannon. China's 'Sovereign Internet'. **The diplomat**, 2014. Disponível em: <https://thediplomat.com/2014/06/chinas-sovereign-internet/>. Acesso em: 29 set. 2019.

TINGYANG, Zhao. **The tianxia system: an introduction to the philosophy of world institution**. Beijing: China Renmin University Press, 2011.

TSANG, Steve. **A modern history of Hong Kong: 1841-1997**. [s.l.]: I. B. Tauris, 2007.

VOGEL, Ezra F. **Deng Xiaoping and the Transformation of China**. Harvard: Belknap Press of Harvard University Press, 2011.

WEBLEY, Kayla. Mao Zedong. **Content time**, 2011. Disponível em: http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2046285_2045996_2045849,00.html. Acesso em: 2 set. 2019.

WORLD leaders praise Deng's economic legacy. **CNN**, 1997. Disponível em: <http://edition.cnn.com/WORLD/9702/19/deng.world.reax/index.html>. Acesso em: 23 set. 2019.

WU, Kane; CHATTERJEE, Summet. Exclusive: China's Belt and Road acquisitions surge despite outbound capital crackdown. **Reuters**, 2017. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-china-m-a/exclusive-chinas-belt-and-road-acquisitions-surge-despite-outbound-capital-crackdown-idUSKCN1AW00K>. Acesso em: 4 out. 2019.

WU, Renhua. 89天安门事件大事记: 6月3日 星期六. **Boxun blog**, 2010. Disponível em: https://blog.boxun.com/hero/201106/wurenhua/3_1.shtml. Acesso em: 4 out. 2019.

XINHUA. 21 ASIAN COUNTRIES SIGN MOU ON ESTABLISHING ASIAN INFRASTRUCTURE INVESTMENT BANK. **Shangaidaily**, 2014. Disponível em: https://archive.shine.cn/article/article_xinhua.aspx?id=248613 Acesso em: 1 nov. 2019.

XINHUANET. **China Focus: Belt and Road Initiative makes solid progress, embraces brighter future: report**. **Xinhuanet**, 2019. Disponível em: http://www.xinhuanet.com/english/2019-04/23/c_137999264.htm. Acesso em: 5 out. 2019.

XINHUANET. Xi's thought enshrined in China's Constitution. **Xinhuanet**, 2018. Disponível em: http://www.xinhuanet.com/english/2018-03/11/c_137031930.htm. Acesso em: 5 out. 2019.

YAN, Yunxiang. The Chinese path to individualization. **The British Journal of Sociology**, [s.l.], v. 61, n. 3, 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-4446.2010.01323.x>. Acesso em: 23 set. 2019.

YAN, Yunxiang. The Chinese path to individualization. **The British Journal of Sociology**, Londres, v. 61, n. 3, 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-4446.2010.01323.x>. Acesso em: 24 out. 2019.

YEW, Lee Kuan. **From Third World to First: The Singapore Story, 1965–2000**. Nova Iorque: HarperCollins, 2000. p. 595–603.

YU, Guangyuan; LEVINE, Stevine I.; VOGEL, Ezra F. **Deng Xiaoping Shakes the World: An Eyewitness Account of China's Party Work Conference and the Third Plenum (November-December 1978)**. [s.l.]: EastBridge, 2004.

YUSHI, Mao. Lessons from China's Great Famine. **Cato Journal**, [s.l.], v. 34, n. 3, outono 2014. Disponível em: <https://object.cato.org/sites/cato.org/files/serials/files/cato-journal/2014/9/cj34n3-2.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.

ZHANG, Guangzhao. 公正评价胡锦涛的十年. **Financial Times Chinese**, 2012. Disponível em: <http://www.ftchinese.com/comments/index/001047627?t=m>. Acesso em: 25 out. 2019.

ZHANG, Liang; NATHAN, Andrew; LINK, Perry (ed.). **The Tiananmen Papers: The Chinese Leadership's Decision to Use Force in Their Own Words**. [s.l.]: Abacus, 2001.

ZHAO, Dingxin. **The Power of Tiananmen: State-Society Relations and the 1989 Beijing Student Movement**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.